

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Bruna dos Passos Jacobovski

**A VOZ DAS MULHERES: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS TORCEDORES
DE FUTEBOL NO *TWITTER* EM RELAÇÃO A NARRAÇÃO FEMININA NA
GLOBO**

Porto Alegre

2022

Bruna dos Passos Jacobovski

**A VOZ DAS MULHERES: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS TORCEDORES
DE FUTEBOL NO *TWITTER* EM RELAÇÃO A NARRAÇÃO FEMININA NA
GLOBO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira

Porto Alegre

2022

Jacobovski, Bruna dos Passos

A voz das mulheres: uma análise da percepção dos torcedores de futebol no Twitter em relação a narração feminina na globo / Bruna dos Passos Jacobovski. -- 2022.

84 f.

Orientador: Felipe Moura de Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Futebol. 2. Jornalismo Esportivo. 3. Mulher. 4. Narração. 5. Twitter. I. Oliveira, Felipe Moura de, orient. II. Título.

Bruna dos Passos Jacobovski

**A VOZ DAS MULHERES: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS TORCEDORES
DE FUTEBOL NO *TWITTER* EM RELAÇÃO A NARRAÇÃO FEMININA NA
GLOBO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira

Aprovado em: __ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira – UFRGS

Orientador

M.^a Francielle Esmitiz da Silva – UNISINOS

Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Ruschel Trasel – UFRGS

Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Nívia, por ser meu suporte e meu ombro amigo durante estes cinco anos de graduação, celebrando a cada conquista desde a minha entrada na UFRGS até o último ponto escrito nessas mais de 80 folhas. Ao meu pai, Antônio, que sempre acreditou no meu potencial e me incentivou em todos os finais de semestre em que eu pensava em desistir. Sem vocês dois nada disso seria possível, obrigada por serem meu apoio e me ensinaram a colocar a educação em primeiro lugar da pré-escola à universidade, essa conquista também é de vocês e para vocês.

À minha família que me acompanhou nessa longa jornada e foi meu combustível para concluir a graduação. Aos meus tios Sabina e Samuel, meus segundos pais, que durante toda a minha infância me buscaram na escola, me ajudaram nos deveres de casa e comemoram minhas conquistas como se fossem deles. Às minhas tias Natália, Ana, Helena e ao tio Rubem que mesmo de longe me apoiaram e me incentivaram a escrever cada linha do presente trabalho e compreenderam a minha ausência nos almoços em família aos domingos neste último semestre. Obrigada por todo apoio e compreensão vocês são meu maior presente.

À minha prima Caroline que como uma verdadeira irmã nunca me deixou desistir e foi minha motivadora ao me lembrar todos os dias que este momento de conclusão iria chegar, além de ser um exemplo de dedicação e esforço. Obrigada prima, a graduação foi bem mais fácil com as trocas de mensagens sobre a faculdade e o ombro amigo ao final de cada semestre.

Aos meus dindos, Rogério, Laura e Verônica, que sempre me acolheram e foram minhas inspirações em suas trajetórias profissionais. Ver vocês formados e alçando voos no mercado de trabalho fez com que, mesmo indiretamente, eu almejasse este diploma. Agradeço também à minha afilhada, Luísa, que mesmo sem entender "o que é esse tal de TCC?", me proporcionou os melhores momentos de descontração junto ao seu irmão, Lucas, durante os últimos seis meses. O TCC e a vida são muito mais leves com vocês ao meu lado.

Ao Pablo Jardim por me acompanhar em todas madrugadas, as quais passamos acordados eu escrevendo esta pesquisa e ele trabalhando apenas para me fazer companhia. Obrigada por praticamente escrever junto comigo e, principalmente, por seu meu suporte a cada lágrima derramada e aos inúmeros "eu não aguento mais", me incentivando a terminar a graduação da melhor forma. Obrigada, sem o seu empurrãozinho inicial, provavelmente, a formatura teria sido adiada.

Agradeço também a todos os amigos que fiz durante a faculdade por tornarem meu dia a dia mais leve, compartilhando as aulas, provas, trabalhos em grupo e festas. Em especial aos

meus companheiros jornalistas Henrique Letti e Cainan Silva, que sempre formavam minhas duplas ou trios nos trabalhos acadêmicos. Tenho certeza que o mercado da comunicação terá profissionais maravilhosos formados em uma das melhores universidades do país.

Ao meu orientador e parceiro de trabalho, Felipe, que construiu esta pesquisa junto comigo. Obrigada por todas as trocas durante as orientações, os parênteses que sempre geravam boas ideias, a leitura atenta, os comentários pertinentes a cada finalização de capítulo e a disponibilidade para me atender sempre que eu empacava em algum ponto. Além disso, agradeço à banca examinadora, Marcelo Träsel e Francielle Esmitiz, por aceitarem o convite e disponibilizarem o seu tempo para contribuírem com o presente trabalho.

E por fim, deixo aqui meu muito obrigado a todos os professores incríveis que pude ter contato ao longo destes cinco anos de graduação e que fazem da UFRGS uma das melhores universidades do país, proporcionando um estudo público de qualidade para todos os discentes.

RESUMO

Esta pesquisa dedica-se a compreender os sentidos desencadeados no *Twitter* pela primeira narração feminina de uma partida de futebol masculino na televisão aberta brasileira, incidindo sobre a inclusão de gênero no jornalismo esportivo. A estreia de Renata Silveira, jornalista e narradora contratada pelo Grupo Globo em 2020, na transmissão de campeonatos masculinos na TV Globo ocorreu no dia 21 de abril de 2022 com a locução da disputa entre Botafogo e Ceilândia pela Copa do Brasil. Por meio deste acontecimento, entende-se a recepção dos torcedores no *Twitter* diante da primeira narração feminina considerando a história da mídia e as transformações causadas com o advento das redes sociais digitais, a partir das interações e tensões construídas no ciberespaço. Defende-se também as interferências das relações de gênero e do movimento feminista no jornalismo esportivo através das recepções mobilizadas em comentários no *Twitter*. As quais podemos caracterizar um ciberacontecimento concretizado diante da interatividade nas redes sociais digitais propiciada pelo uso da segunda tela. Com base nos *tweet's* selecionados apoia-se na análise de construção de sentidos em redes sociais digitais para a criação de três constelações: *negação*, *aceitação* e *dispersão*, as quais são subdivididas em 12 categorias: aferição, estigmatização, machismo explícito e machismo implícito a partir das *negações*; apreciação, comemoração, contemplação e superstição advindas de *aceitação*; e referência a terceiros, fanatismo, intervenção e outros constituintes da categoria de *dispersão*. Os resultados mostram que a constelação de *aceitação* apresenta a maior representatividade, enquanto *negação* e *dispersão* têm baixa presença no corpus da pesquisa. Apesar disso, se mostram importantes para debater as relações de gênero ainda impostas não só ao jornalismo esportivo, mas também à sociedade brasileira.

Palavras-chave: Futebol; Production Of Meaning; Jornalismo Esportivo; Genre; Narração; *Twitter*.

ABSTRACT

This research is dedicated to understanding the meanings triggered on Twitter by the first female narration of a male soccer match on Brazilian open television, focusing on the inclusion of gender in sports journalism. The debut of Renata Silveira, journalist and narrator hired by Globo Group in 2020, in the broadcast of male championships on TV Globo took place on April 21, 2022, with the voice-over of the dispute between Botafogo and Ceilândia for the Brazil Cup. Through this event, the reception of fans on Twitter is understood in the face of the first female narration, considering the history of the media and the transformations caused by the advent of digital social networks, from the interactions and tensions built in cyberspace. It also defends the interference of gender relations and the feminist movement in sports journalism through the reception in comments on Twitter. In that, we can characterize a cyber event concretized in the face of interactivity in digital social networks provided by the use of the second screen. Based on the selected tweets, it is based on the analysis of the construction of meanings in digital social networks for the creation of three constellations: denial, acceptance, and dispersion, which are subdivided into 12 categories: “assessment”, “stigmatization”, “explicit sexism”, and “implicit sexism” from of denials; “appreciation”, “celebration”, “contemplation”, and “superstition” arising from acceptance division; and “reference to third parties”, “fanaticism”, “intervention” and “other” compose of the dispersion category. The results show that the constellation of acceptance has the highest representation, while denial and dispersion have a low presence in the research corpus. Despite this, they are important for debating the gender relations still imposed not only on sports journalism but also on Brazilian society.

Keywords: Football; Globo; Sports Journalism, Narration, Twitter, Woman.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Renata Silveira anuncia no <i>Twitter</i> a sua estreia na Rede Globo	47
Figura 2 - O <i>Twitter</i> do Globo Esporte classifica a estreia de Renata Silveira como especial	48
Figura 3 - O perfil Dibradores no <i>Twitter</i> comemora a estreia de Renata Silveira na TV Globo	49
Figura 4 - Renata comenta a partir do <i>tweet</i> do Dibradores sobre seu nervosismo na estreia .	49
Figura 5 - Divisão de categorias a partir das constelações determinadas.....	53
Figura 6 - Comentário opinativo da categoria de aferição	54
Figura 7 - Comentário comparativo da categoria de aferição	55
Figura 8 - Comentário de estigmatização em relação a narração de Renata Silveira	55
Figura 9 - Comentário negativo da categoria de estigmatização	56
Figura 10 - Comentário negativo sobre a narração atribuído à categoria de machismo explícito	56
Figura 11 - Comentário crítico e comparativo incorporado na categoria de machismo explícito	57
Figura 12 - Comentário irônico categorizado como machismo implícito	57
Figura 13 - Comentário negativo incorporado na categoria de machismo implícito	57
Figura 14 - Comentário de aprovação da narração categorização como apreciação	58
Figura 15 - Comentário com elogios à narração categorizado como apreciação	58
Figura 16 - Comentário comparativo da categoria de apreciação	59
Figura 17 - Comentário de autoafirmação da categoria de comemoração	59
Figura 18 - Comentário comparativo da categoria de comemoração	60
Figura 19 - Comentário pessoal de apoio a Renata categorizado como comemoração.....	60
Figura 20 - Comentário de parabenização categorizado como contemplação	60
Figura 21 - Comentário de incentivo a narradora incorporado na categoria de contemplação	61
Figura 22 - Comentário do torcedor botafoguense classificado como superstição.....	61
Figura 23 - Comentário do torcedor do Fortaleza identificado como superstição.....	62
Figura 24 - Comentário classificado como referência a terceiros.....	63
Figura 25 - Comentário que aponta uma crítica ao Botafogo classificado como fanatismo	63
Figura 26 - Comentário de rivalidade classificado como fanatismo.....	63
Figura 27 - Comentário crítico às outras respostas do <i>tweet</i> categorizado como intervenção .	64
Figura 28 - Comentário irônico classificado na categoria de intervenção.....	64
Figura 29 - Comentário de questionamento categorizado como outros	65

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Origem dos comentários conforme os <i>tweet's</i> selecionados para análise	50
Gráfico 2 - Divisão das constelações a partir das origens dos comentários	52
Gráfico 3 - Divisão por gênero a partir das constelações estabelecidas	52
Gráfico 4 - Divisão de categorias de inferências a partir das constelações	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 MÍDIA, ESPORTE E REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	19
2.1 TELEVISÃO E FUTEBOL.....	20
2.2 TELEVISÃO E INTERATIVIDADE	22
2.3 A INTERATIVIDADE NA INTERNET A PARTIR DA SEGUNDA TELA.....	25
2.4 INTERATIVIDADE EM REDES SOCIAIS NA INTERNET	28
2.5 OS CIBERACONTECIMENTOS	31
3 MÍDIA, FUTEBOL E MULHER	34
3.1 DA PROIBIÇÃO À APARIÇÃO NA TELEVISÃO ABERTA	34
3.2 O GÊNERO MASCULINO DO JORNALISMO.....	37
3.3 DO CIBERATIVISMO FEMINISTA À PRIMEIRA NARRAÇÃO	41
4 DO ACONTECIMENTO A REPERCUSSÃO	44
4.1 A NARRAÇÃO COMO ACONTECIMENTO	46
4.2 ENTRE NEGAÇÕES E ACEITAÇÕES.....	50
4.3 AS NEGAÇÕES	54
4.3.1 Aferição	54
4.3.2 Estigmatização.....	55
4.3.3 Machismo Explícito	56
4.3.4 Machismo Implícito	57
4.4 AS ACEITAÇÕES.....	58
4.4.1 Apreciação.....	58
4.4.2 Comemoração.....	59
4.4.3 Contemplação	60
4.4.4 Superstição.....	61
4.5 DISPERSÃO	62
4.5.1 Referência à terceiros.....	62
4.5.2 Fanatismo	63
4.5.3 Intervenção	64
4.5.4 Outros	64
4.6 DISCUSSÃO E RESULTADOS	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE A – ANÁLISE DO CONJUNTO DE TWEET’S.....	80

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos de esporte no Brasil é comum associarmos ao futebol, já que este esporte é quem ocupa as programações dos principais canais de televisão abertos do país em horários “nobres” - como às quartas à noite e domingos à tarde. Além disto, é responsável por transações bilionárias dentro e fora de campo, quando se trata de seu principal evento: a Copa do Mundo de Futebol Masculino. Em 2022 o Catar, país sede do campeonato, projeta um gasto de 220 bilhões de dólares (ESTADÃO, 2022a), enquanto as Olimpíadas de Tóquio 2020 - principal competição esportiva mundial - movimentaram apenas 15,4 bilhões de dólares (LAPORTA, 2021).

A discrepância também pode observada em relação a aderência do público que em 2014, durante a Copa do Mundo Masculina no Brasil, mais de 3,4 milhões de pessoas acompanharam as partidas dentro dos estádios (SUPER ESPORTE, 2014), enquanto em 2016, durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro a cidade recebeu cerca de 1,17 milhão de turistas (BOECKEL, 2016). Só estes números já seriam pretextos suficientes para a imprensa, por meio do jornalismo, realizar a cobertura e a coleta diária de informações. Entretanto, estes números - somados à cultura brasileira - que conta com cinco títulos mundiais de futebol masculino em sua história - fazem com que este esporte se torne o mais acompanhado no país. Afinal de contas, quem nunca ouviu a frase: “Brasil, o país do futebol”?

Apesar de ser um interesse mútuo entre os gêneros, na imprensa nem todos ocupam o mesmo lugar. Desde os primórdios do jornalismo esportivo este sempre foi um espaço composto majoritariamente por homens, principalmente, quando tratamos do futebol. Nos acostumamos a ouvir somente vozes masculinas nos programas e transmissões esportivas, seja como apresentadores, repórteres, comentaristas ou narradores. Na televisão, durante décadas, apenas homens eram vistos e ouvidos pelos telespectadores. Todavia, isto também é um reflexo da sociedade brasileira, visto que na década de 1940 as mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de praticarem tal esporte (SÁ, 2021). Apesar das restrições culturais e do machismo explícito neste campo, o interesse de mulheres pela temática é antigo. Ainda na década de 1940, Maria Helena Rangel foi uma das pioneiras a atuar como repórter esportiva (NASCIMENTO, CHAVES; 2021). Logo depois, na década de 1960, a jornalista Marilene Dabus também ganhou destaque ao ser a primeira mulher a participar de um programa de televisão dedicado ao futebol (GLOBO ESPORTE, 2020). Já na década de 1970, Zuleide Ranieri foi a primeira mulher a narrar uma partida de futebol no país pela Rádio Mulher (ITO, 2018). Mas estes eram casos isolados e motivo de notícia - devido a predominância masculina na área - gerando

questionamentos como: “como é possível ser mulher e conseguir adentrar ao ambiente do jornalismo esportivo?” Com o passar dos anos esta questão ganhou força frente à evolução do movimento feminista e mais mulheres entraram para a imprensa esportiva.

Em 2022, diante dos pequenos avanços sociais, a jornalista Renata Silveira chegou a um lugar de destaque se tornando a primeira mulher a narrar uma partida de futebol masculino na Rede Globo de Televisão. Na última década, a luta das mulheres para conquistar lugares na sociedade que antes eram destinados apenas aos homens se potencializou, seja em cargos públicos com a eleição da primeira presidente mulher da história do Brasil, Dilma Rousseff (PORTAL G1, 2010), ou em empresas privadas que passaram a ter maior equiparidade salarial e representatividade na liderança, por exemplo, a Unilever que chegou a 50% dos cargos de gerência ocupados por mulheres em 2020 (FILIPPE, 2021).

No jornalismo esportivo não poderia ser diferente, as emissoras de rádio e televisão passaram não só a contratar mulheres para a produção, mas também a proporcionar espaços de protagonismo em reportagens, programas e transmissões esportivas. A representatividade feminina de modo geral é um assunto que precisa ser discutido em todos os âmbitos. Incentivar o debate e criar um espaço para argumentação sobre o tema é uma contribuição não só para o jornalismo, mas também para a sociedade. Pois, os conceitos aplicados aos preconceitos envolvendo as mulheres no cenário do futebol também podem ser empregados em outros campos sociais.

Além disso, se mostra relevante também a partir das teorias da comunicação, quando busca compreender como os discursos proferidos pelas narradoras mulheres são percebidos pelos torcedores por meio de uma análise dos sentidos da recepção. Ou seja, além do foco central na presença feminina no jornalismo esportivo, há também um direcionamento para a transmissão da mensagem. O interesse de trabalhar com a intersecção entre mulheres, telejornalismo esportivo e redes sociais fez com que estendesse a pesquisa aos principais repositórios digitais em busca de outros autores que trabalharam em torno da temática.

Não foram encontrados trabalhos similares ao proposto nesta pesquisa. Entretanto, há quatro estudos que tangenciam o tema, sendo três direcionados a participação das mulheres na imprensa esportiva por meio do rádio e da televisão - como a tese de doutorado de Noemi Bueno (2018), intitulada “*A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal*”, o trabalho de conclusão de curso da Laura Luz (2015), denominado “*Em busca de espaço : mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão*” e o artigo “*As Mulheres no Jornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul*” de Margareth Michel (2009) publicado no *Intercom Júnior*.

Já o quarto é focado na presença feminina no jornalismo esportivo digital, o artigo de Nícia Santos e Jordana Barros (2012) nomeado “*As Donas do Campinho: primeiros apontamentos sobre a participação feminina na blogosfera esportiva*” foi publicado no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da *Intercom*. Os poucos dados encontrados reforçam a importância de analisar e propor uma discussão em torno do tema para uma contribuição não só no campo da comunicação, mas também para o modo de pensar social, no qual as mulheres ainda são descredibilizadas frente aos seus trabalhos, como ainda é o caso da imprensa esportiva.

Apesar do histórico negativo, as ocorrências de jornalistas esportivas como apresentadoras de programas, repórteres ou comentaristas de transmissões de futebol se tornaram mais frequentes no século XXI. Mesmo que os dados ainda não sejam animadores - em 2017 apenas 11,4% da imprensa esportiva no Brasil era composta por mulheres (BUENO, 2018) - esta é uma conquista diária, aos poucos as vozes femininas estão ocupando não só os microfones das rádios, mas também as telas dos canais de televisão. Segundo a pesquisa Números, do ano de 2016, 13% dos jornalistas da área do esporte na televisão por assinatura são mulheres (FREITAS; MONTAGANANA; CARNEIRO, 2016).

Dentre elas encontra-se Renata Silveira, que além de fazer parte da equipe do canal por assinatura *SporTv*, em fevereiro de 2022, a jornalista consagrou-se como a primeira mulher a narrar uma partida de futebol na Globo, quando comandou a transmissão da semifinal da Supercopa Feminina entre Flamengo e Grêmio (PEREIRA, 2022). Já em abril de 2022, foi a vez de ela narrar sua primeira partida de futebol masculino na televisão aberta ao dar voz a transmissão de Ceilândia e Botafogo pela terceira rodada da Copa do Brasil (SCHWARTSMAN, 2022). Renata, que é formada em educação física e pós-graduada em jornalismo esportivo, iniciou sua carreira na área por meio do concurso “Garota da Voz” da rádio Globo em 2014 (BARDUSCO, 2021). Logo depois, na Copa do Mundo de Futebol Masculino em 2018, estreou na televisão no canal fechado *Fox Sports*, no qual permaneceu até dezembro de 2020, quando saiu para integrar a equipe esportiva do Grupo Globo, dessa vez como uma das principais vozes dos canais *SporTv* e *Premiere* (SCHWARTSMAN, 2022)

Por outro lado, as conquistas também vieram atreladas ao preconceito e ao machismo enraizado no contexto do futebol. Em abril de 2021, a narradora foi responsabilizada por um torcedor do Botafogo de Futebol e Regatas pela eliminação do clube de futebol masculino na Copa do Brasil, após narrar a partida entre o time e o ABC Futebol Clube válida pela segunda fase da competição no *SporTv*. O torcedor botafoguense comentou “*avisei que mulher,*

Botafogo e Copa do Brasil não dá certo", e completou afirmando que não era uma questão de machismo, mas sim de superstição (ISTOÉ, 2021).

A locutora compartilhou o comentário em seu *Twitter* e respondeu ironizando que apenas ela havia narrado a partida, pois, em outras emissoras homens narraram o mesmo jogo. Tendo como inquietação este caso em que as redes sociais digitais se tornaram o meio de interação entre a torcida e a jornalista, o recorte da análise será realizado com base na estreia de Renata Silveira na locução de campeonatos de futebol masculinos na Globo, com o objetivo de entender a percepção do público da televisão aberta em relação à narração da jornalista (UOL, 2021a).

Diante disto, nota-se que mesmo com uma maior representatividade feminina à frente de programas esportivos, as jornalistas continuam lidando com críticas severas ao seu trabalho devido aos preconceitos que o círculo do futebol carrega. Ao trazermos para o contexto atual, na era das redes sociais digitais os comentários se tornam ainda mais intensos e diversos, pois vão desde a descredibilização das notícias compartilhadas por elas em seus perfis até ofensas pessoais por opinarem sobre algum tema relacionado ao esporte. Porém, quando a mulher assume um papel de maior notabilidade em transmissões, como o de narradora ou comentarista, em canais de índices altos de audiência como os da Rede Globo os comentários por parte dos torcedores se potencializam.

Com isto, o presente trabalho tem como problema de pesquisa compreender como os sentidos desencadeados no *Twitter* pela primeira narração de partida masculina de futebol por uma mulher na TV aberta brasileira, na condição de cibercontecimento, incidem sobre a inclusão de gênero no jornalismo esportivo? Desta forma, a pesquisa se propõe a analisar a percepção dos torcedores no *Twitter* em relação a presença feminina em partidas de futebol a partir do primeiro jogo masculino narrado pela jornalista Renata Silveira na Globo durante a Copa do Brasil 2022.

Para isso, foram traçados os seguintes objetivos:

- a) Contextualizar a história da mídia e como ela se transformou na era das redes sociais digitais e o modo como são construídas as interações e tensões no ciberespaço;
- b) Identificar as relações entre gênero, mídia e futebol aprofundando o contexto histórico do jornalismo esportivo e as relações com o movimento feminista;

Compreender os sentidos percebidos e mobilizados pela estreia da narração feminina em uma transmissão de futebol masculino na televisão aberta por meio da jornalista Renata Silveira;

- c) Analisar o uso do *Twitter* como segunda tela para a realização de comentários dos torcedores dos clubes de futebol brasileiro ao acompanharem as jornadas esportivas televisivas.

Para esta compreensão a pesquisa terá caráter exploratório, visto que a presença feminina à frente de transmissões esportivas de futebol é um fato recente no país. De acordo com Gil (2008) utilizamos esse tipo de pesquisa quando o tema a ser abordado ainda é pouco explorado e, portanto, é difícil formular hipóteses precisas sobre ele. Por isto, a intenção não é definir conceitos específicos, mas sim prestar esclarecimento sobre o assunto e contribuir para estudos posteriores. O método será feito a partir de uma pesquisa qualitativa combinado com alguns dados delimitados de modo quantitativo, entretanto o objetivo principal é compreender o fenômeno a partir das percepções dos receptores. Desta forma a ideia é coletar informações descritivas, que retratem o universo de elementos existentes no tema analisado (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A fim de percebermos a representatividade da primeira narração de um campeonato de futebol masculino realizada por uma mulher na televisão aberta é necessário conceituarmos o acontecimento a partir de suas principais teorias e realizar uma análise de sua aplicabilidade. Um fato só se torna um acontecimento quando, por alguma razão, ele rompe as narrativas as quais nos convencemos que são lineares e se torna relevante no meio de tantos outros (FRANÇA; LOPES, 2017) a partir de sua descrição. Todavia, há outros fatores importantes para elucidação do acontecimento, como a identificação do pano de fundo pragmático, no qual analisamos a recepção do fato por meio do senso comum e de estruturas normativas da cultura (FRANÇA; LOPES, 2017).

Nesta pesquisa, também se torna essencial contextualizar o ciberacontecimento, aquele que se constitui e se propaga a partir das lógicas das redes sociais digitais (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN; 2019), como desdobramento do processo do acontecimento concretizado na afetação do público no *Twitter* diante do acontecimento televisivo inicial.

Para além do consenso social, quando se trata do ciberacontecimento gerado a partir de comentários indexados no ciberespaço, toma-se a Análise de Conteúdo para coleta do *corpus* e a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014), proposta pelo Laboratório de Investigação e Ciberacontecimento (LIC) da Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS), para organização e mapeamento das constelações. A primeira metodologia é considerada uma das mais eficazes para localizar e fazer inferências sobre algo que ficou gravado, impresso ou digitalizado em algum lugar (HERSCOVITZ, 2005).

Por ser um conjunto de técnicas que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2002), essa metodologia será de suma importância para compreender as possíveis variáveis que compõem as interações dos torcedores, as quais serão analisadas por meio de comentários no *Twitter* a partir de duas publicações nos perfis oficiais do Globo Esporte e da Renata Silveira. Entretanto, a Análise de Conteúdo não serve somente para a observação de dados qualitativos, mas também para a mensuração de dados quantitativos, visto que esta é considerada a combinação ideal para a abordagem,

A identificação sistemática de tendências e representações obtém melhores resultados quando emprega ao mesmo tempo a análise quantitativa (contagem de frequências do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos aos quais se destina) (HERSCOVITZ, 2005, p. 127).

Já a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais tem como característica o detalhamento dos sentidos que levam ao surgimento de um ciberacontecimento por meio das micro conexões construídas no ciberespaço que podem ser visualizadas como rastros semióticos (BITTENCOURT; GONZATTI, 2018). Ou seja, ela “[...] se dá no plano micro, constituída pelas, e constituintes de conexões, através das quais, os atores sociais desencadeiam semioses específicas” (HENN; GONZATTI; ESMITIZ, 2017, p. 406). A partir desta metodologia será procesualizada as inferências para a criação de constelações e categorias diante do ciberacontecimento resultado das interações dos torcedores na internet.

Visando compreender o meio em que o fenômeno se desenvolveu, o segundo capítulo aborda as relações entre mídia e esporte, partindo dos primórdios dos veículos de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, no Brasil até a era das redes sociais digitais. Contextualizando como a televisão e os esportes se conectaram diante da convergência midiática por meio da aplicação dos conceitos de segunda tela e TV Social (FINGER; SOUZA, 2012). A partir desses tópicos é necessário também entender como os sites de rede sociais se enquadram neste cenário e tencionam as relações entre mídia e jornalismo por meio da interatividade. Pois, atualmente, o público não é visto mais como um mero leitor ou telespectador, mas sim como indivíduos que estão modelando, reconfigurando, compartilhando e remixando os conteúdos (JESUS, 2020), principalmente, por meio de ferramentas como o *Twitter*, um canal híbrido entre *microblog* e rede social (BOYD; GOLDBER; LOTAN, 2010; apud ZAGO, 2011), que é constantemente utilizado pelas pessoas para exporem suas opiniões no ciberespaço.

Já as implicações entre mulher, mídia e futebol são partes essenciais do terceiro capítulo, no qual tem por objetivo compreender o caráter histórico das questões de gênero atreladas ao futebol, desde a proibição da prática feminina até a presença em transmissões esportivas nos principais canais de televisão do país. Para isso, é preciso não só contextualizar como as mulheres passaram a ocupar este lugar no jornalismo esportivo, mas também relacionar como as lutas feministas contribuíram para esse processo por meio das fases históricas do movimento, com destaque para o ciberativismo feminista que é descrito a partir da mobilização e articulação de movimentos sociais na internet (DIAZ, 2019).

Ao entrarmos para análise no quarto capítulo o objeto central é o acontecimento gerado com a primeira narração esportiva de uma mulher na TV aberta, o qual será abordado a partir das teorias do acontecimento, exploradas por França e Lopes (2017), e ciberacontecimento (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN; 2019). Em abril de 2022, a jornalista Renata Silveira se tornou a primeira mulher a narrar uma partida de futebol masculino na Globo ao dar voz para o confronto entre Botafogo e Ceilândia pela Copa do Brasil. A partir deste fato surgiram os questionamentos em relação a recepção dos torcedores e como eles se manifestaram nas redes sociais digitais, sendo o site fundamental para esta pesquisa o *Twitter*.

O estudo dos comentários proferidos pelos torcedores na plataforma digital em relação a narração da partida comandada pela jornalista é organizado por meio da análise de conteúdo proposta por Herscovitz (2005) e categorizado a partir da análise de sentidos em redes sociais digitais (HENN, 2014), mapeando as constelações criadas a partir das inferências analisadas com o objetivo de elucidar as divisões de opiniões entre os pares. Diante disto, foram observadas as interações e comentários dos telespectadores nos *tweet's* publicados por Renata Silveira e pelo Globo Esporte no *Twitter* sobre a partida no dia 21 de abril de 2022. Foram escolhidos ambas publicações como o corpus desta pesquisa para uma maior abrangência de públicos e pluralidade de respostas.

Seguindo a metodologia de análise de construção de sentidos em redes sociais digitais, a partir do *corpus* estabelecido foram mapeadas as constelações de aceitação, negação e dispersão que indicam os principais sentidos percebidos nos comentários dos telespectadores nas postagens selecionadas. Com base nas constelações foram inferidas as 12 categorias divididas em aferição, estigmatização, machismo explícito e machismo implícito para negação; apreciação, comemoração, contemplação e superstição para aceitação; e referência a terceiros, fanatismo, intervenção e outros para dispersão. Desta forma, foi possível inferir e classificar os sentidos mobilizados pelos torcedores no *Twitter* a partir do jogo de estreia de Renata Silveira em transmissões esportivas masculinas na Rede Globo.

A análise parte da premissa que mesmo diante das conquistas femininas no campo do jornalismo esportivo nos últimos anos, ainda há um mal que assombra as mulheres: o machismo. Este que é reflexo da sociedade, a qual segue padrões normativos de comportamento e ainda cultiva a ideia que o ambiente esportivo é restrito aos homens, visto a desvalorização da mulher neste cenário. A partir do conjunto de *tweet's*, o qual delimita o *corpus* desta pesquisa, é possível notar como as relações de gênero atravessam as percepções dos telespectadores de um jogo de futebol. Ainda que o machismo esteja presente no discurso dos torcedores são percebidas as transformações e avanços em relação a aceitação da voz feminina no jornalismo esportivo, o que está relacionado não só ao movimento feminista que garante maior representatividade para as mulheres, mas também as redes sociais digitais que oferecem um ambiente propício para o exercício de pressão na sociedade afim de mudanças efetivas.

2 MÍDIA, ESPORTE E REDES SOCIAIS DIGITAIS

Até alguns anos atrás, antes do surgimento das plataformas de *streamings* e das redes sociais digitais, a mídia era comumente associada ao jornalismo e aos meios de comunicação tradicionais, como o rádio e a televisão. Desta forma, se faz necessário compreender as relações estabelecidas entre mídia e esporte a partir do seu contexto histórico, explorando o movimento de convergência midiática diante do desenvolvimento da tecnologia e como os meios tradicionais - principalmente a televisão - permaneceram como fonte de informação neste processo.

Segundo Ribeiro (2007 apud GASPARINO, 2013) a relação entre esporte e mídia iniciou em 1856 no país, com o surgimento do “*O Atleta*”, periódico que abordava receitas para aprimoramento físico dos moradores do Rio de Janeiro. Todavia, somente entre os anos 1880 e 1890 que o jornalismo esportivo passou a ganhar espaço na imprensa com a criação dos periódicos “*O Sport*”, “*A Platea Sportiva*” e a “*Gazeta Sportiva*”. Contudo, as notícias se limitavam ao turfe, regatas e ciclismo, ou seja, o futebol não obtinha destaque nestas publicações (RIBEIRO, 2007 apud GASPARINO, 2013). Foi apenas em 1901 que houve a primeira nota relacionada ao esporte, quando foi noticiada a formação da primeira liga de futebol composta por cinco times da elite paulista (GASPARINO, 2013). Aos poucos este esporte foi se popularizando, não somente no jornalismo, mas também na sociedade, deixando de ser uma prática destinada à elite e ganhando espaço nas classes socioeconômicas mais baixas.

Diante do cenário de expansão e popularização, nasceu a relação entre futebol e rádio, pois, apesar das emissoras terem iniciado suas transmissões no país em 1922, foi por causa das coberturas esportivas que foram desenvolvidas as principais soluções técnicas do rádio jornalismo da época (GUERRA, 2006 apud MOTTA, 2012). Este avanço está associado, principalmente, às transmissões de partidas de futebol que tiveram seu início em 1931, quando o locutor Nicolau Tuma deu voz à disputa entre as seleções de São Paulo e Paraná pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol na Rádio Educadora Paulista (MOTTA, 2012). Esta foi apenas a porta de entrada para o esporte nos meios de comunicação tradicionais, que adotaram o padrão de narração estabelecido no rádio para ocupar também a programação dos canais de televisão, se tornando um dos principais produtos da mídia brasileira.

2.1 TELEVISÃO E FUTEBOL

A televisão estreou no Brasil em setembro de 1950 com a primeira transmissão de imagens realizada pela TV Tupi-Difusora, emissora do Grupo Diários Associados de Assis Chateaubriand (LEAL, 2009). A inauguração, que teve apenas 200 aparelhos receptores espalhados pela cidade de São Paulo, também foi marcada pela presença do esporte na grade do novo meio de comunicação com o programa “*Vídeo Esportivo*” comandado por Aurélio Campos (GASPARINO, 2013). Um mês depois, em outubro de 1950, foi a vez do futebol fazer sua estreia com a transmissão da partida entre Palmeiras e São Paulo, na qual cerca de 200 brasileiros puderam acompanhar via televisão (GASPARINO, 2013), isto porque era uma tecnologia cara e poucos tinham o aparelho em suas casas. Com isso, seguindo os caminhos do rádio e do futebol, em seus primeiros anos a televisão era destinada apenas à membros da elite brasileira, mas aos poucos ganhou popularidade e começou a contemplar as demais classes sociais.

Apesar de em 1954 já circularem cerca de 38 mil aparelhos pelo país, o que alimentou a expectativa da transmissão da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 1954 pela televisão (GASPARINO, 2013), foi apenas em 1964 que o novo meio de comunicação iniciou sua popularização. Isto porque a Ditadura Civil-Militar formulou leis e decretos que propiciaram a expansão da mídia (LEAL, 2009), a qual o regime obtinha interesse para difundir seus posicionamentos e ideais. De acordo com Leal (2009), dentre os benefícios destacavam-se o congelamento das taxas dos serviços de telecomunicação, a isenção de taxas para compra de equipamentos e a construção de uma estrutura nacional de telecomunicações. Além disto, também foi aprovada uma política de crédito facilitado possibilitando uma aceleração no mercado, a qual tornou possível a aquisição de televisores em 36 vezes com juros baixos (LEAL, 2009).

Desta forma, quando os militares assumiram o poder o Brasil tinha cerca de dois milhões de aparelhos televisivos, em 1969 passaram para quatro milhões e em 1974 somavam-se cerca de nove milhões, atingindo 43% dos lares brasileiros (JAMBEIRO, 2002). Com o aumento do número de aparelhos, houve também o crescimento de telespectadores caracterizando o ‘*boom da televisão*’, o qual teve como principal característica a aposta em conteúdo de entretenimento por parte das emissoras visando aumentar a audiência e, conseqüentemente, o investimento publicitário em sua programação (LEAL, 2009).

Uma das empresas que se beneficiou deste movimento foi inaugurada em 1965, ainda dentro do contexto da Ditadura Civil-Militar, surgiu aquela que se tornaria a principal emissora

do país nos anos seguintes: a TV Globo. Sua criação foi estabelecida por meio de um acordo com o grupo americano *Time-Life*, o qual prestou apoio técnico e auxiliou na qualificação da equipe até 1968 quando o contrato foi encerrado (JAMBEIRO, 2002). Isto porque a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) aferiu que o acordo violava as leis brasileiras, as quais “proibia qualquer empresa estrangeira de participar na direção intelectual e administrativa de uma empresa licenciada para operar serviços de TV” (JAMBEIRO, 2002, p. 95).

Apesar da parceria ter durado apenas seis anos, ela rendeu bons frutos para a TV Globo, que não obteve apenas a qualificação dos seus funcionários, mas também aprendeu a criar um mercado, lidar com a publicidade e tornar-se uma organização moderna dentro do cenário capitalista. Com seus produtos tipicamente brasileiros voltados para o entretenimento como musicais, comédias, novelas e esporte, a Globo passou a vencer as concorrentes em audiência e iniciou sua consolidação como a principal emissora de televisão do país (JAMBEIRO, 2002).

O início dos anos de 1970 não foi marcado apenas pela expansão da Rede Globo, mas também pelo avanço tecnológico da televisão. Assim como ocorreu com o rádio na década de 1930, o futebol também esteve presente em um dos principais momentos de desenvolvimento do novo meio, quando foram veiculadas as primeiras imagens em cores enviadas via satélite para o Brasil na transmissão da Copa do Mundo de Futebol Masculino em 1970 realizada no México. Entretanto, Ribas (2010 apud GASPARINO, 2013) afirma que a televisão a cores não contemplou a todos brasileiros em seu princípio:

No Brasil, muitos dizem ter visto a Copa em cores, mas provavelmente é para contar vantagem, já que o sinal captado e os aparelhos de TV do país eram em preto e branco – as cores eram privilégio de alguns poucos. A primeira transmissão de um jogo em cores só ocorreu em 1972 e envolvia a Seleção de Caxias do Sul (RS) contra o Grêmio (RIBAS, 2010 apud GASPARINO, 2013, p. 23).

Contudo, até chegarmos ao patamar das transmissões que temos no século XXI, com diversos ângulos, câmeras de alta definição e programações exclusivas para a modalidade, a televisão precisou passar por uma série de progressos tecnológicos que a tornaram o meio tradicional que é hoje. As evoluções iniciaram ainda em 1960 com a implementação do videoteipe (JAMBEIRO, 2002) que propiciou a criação de estratégias como programas e telenovelas diárias visando conquistar e fidelizar a audiência. Outro marco importante foi o surgimento do “*Padrão Globo de Qualidade*” em 1970 (LEAL, 2009), quando a emissora passou a se preocupar com a qualidade de seus programas e a produzir conteúdo nacional. Estas produções começaram a ser exportadas para outros países em 1978 pela TV Globo (JAMBEIRO, 2002). Entretanto, somente em 1985 a televisão brasileira entrou na sua fase de exportação, na qual a maioria das emissoras passaram a vender seus programas para veículos

latino-americanos. Já em 1989 tivemos a estreia da televisão por assinatura, com a permissão do governo aos grupos Abril e Globo para operar os serviços no país, o que nos aproxima da visão de mídia convergente atual (JAMBEIRO, 2002).

Assim como a televisão precisou se adaptar, as transmissões e narrações esportivas também sofreram mudanças visando agradar o telespectador. Em seus primeiros anos a televisão era encarada como um “rádio filmado” e por isso refletia os comportamentos aprendidos neste meio (MOTTA, 2012). Ademais, Motta (2012) destaca que mesmo com as imagens e com a facilidade do *replay*, os narradores de televisão possuem uma tendência da escola denotativa que corrobora em descrever os lances para os telespectadores como forma de comprovar o que está sendo assistido. Para Gasparino (2013) houve também uma adaptação da emoção conotativa desempenhada no rádio a qual afeta as narrações, visto que o futebol tem como característica provocar sentimentos e despertar a paixão em seus torcedores. Além disto, o autor reforça alguns pontos importantes que surgiram no meio futebolístico a partir da televisão: o uso do sensacionalismo e do humor tanto em transmissões quanto em programas destinados à modalidade (GASPARINO, 2013), isso porque o jornalismo esportivo passou a se aproximar ainda mais do entretenimento.

Desde sua popularização, o humor e o sensacionalismo já eram características presentes nos conteúdos da televisão brasileira, porém, nos anos 1990 ganharam força com a fase de convergência através dos programas de auditório e da interatividade. Estes fenômenos também justificam a expansão do meio que passou de um consumo de 43% em 1974 para 74% em 1992, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), enquanto na última pesquisa realizada em 2015 cerca de 97% dos lares brasileiros possuíam televisores. Estes dados só refletem o quanto a televisão se tornou o principal meio de comunicação e por isso precisou adaptar seu conteúdo conforme o desenvolvimento do seu público, que com os avanços tecnológicos passou não só acompanhar a programação de diferentes formas, mas também a interferir nela.

2.2 TELEVISÃO E INTERATIVIDADE

Apesar da convergência midiática ser constantemente relacionada com o surgimento da internet (1995) e da televisão digital (2007), esta fase iniciou ainda na década de 1990 quando o público passou a ter voz ativa em programas televisivos por meio da interatividade. Antes de nos aprofundarmos neste movimento que influenciou as relações atuais entre a mídia e seus telespectadores precisaremos conceituar a interatividade.

Segundo Rost (2014) a interatividade é uma ponte entre os utilizadores e o meio, já que possibilita a relação entre ambas as partes com diferentes objetivos: seleção, intervenção ou participação nos conteúdos. Contudo, o autor também destaca que este conceito possui desdobramentos importantes para sua compreensão que vão além da comunicação,

Há diferentes abordagens da interatividade, em que cada uma delas coincide geralmente com uma disciplina científica. De acordo com Jens Jensen (1998), no campo da informática, a interatividade alude às relações entre as pessoas e os computadores; no da sociologia, refere-se à relação entre indivíduos; e no das ciências da comunicação, sobretudo na tradição de estudos culturais, tende a analisar os processos entre os receptores e as mensagens dos *media* (ROST, 2014, p. 54).

Além disto, na comunicação ela se caracteriza como a forma gradual que os meios disponibilizam o poder para seus utilizadores, seja para a seleção de conteúdo, ou, para a possibilidade de expressão deste público, a depender do grau de interatividade proposto pela mídia (ROST, 2014). Isto porque “a interatividade implica uma certa transferência de poder do meio para os seus leitores” (ROST, 2014, p. 55) o que reflete na criação de duas subcategorias: a seletiva e a comunicativa. O primeiro tipo de interatividade é marcado pela interação entre as pessoas e os conteúdos ou máquinas, ou seja, há um sistema que prevê um número limitado de respostas (ROST, 2014), como é o caso de votações para concursos de beleza ou premiações musicais.

Já no segundo caso, a interatividade comunicativa permite a interação entre pessoas, na qual emissores e receptores podem inverter os papéis e o leitor se tornar também um produtor de conteúdo (ROST, 2014). Nesta perspectiva, são exemplos, os comentários realizados em redes sociais digitais, que são lidos ao vivo em programas de televisão, os quais permitem a discussão em torno de diferentes assuntos. Além destas classificações, McMillan (2002, apud Siqueira, 2011) propõe quatro subdivisões quando falamos da interatividade entre usuário e conteúdo:

I. Co-criação de conteúdo: parte da premissa de que todos os participantes compartilham a criação do conteúdo; II. Conteúdo on-demand: assume uma audiência ativa, porém não criadora de conteúdo. Neste caso, a audiência customiza o conteúdo para encontrar necessidades individuais; III. Conteúdo empacotado: emerge da tradicional mídia em massa em que os criadores de conteúdo programam e disponibilizam os produtos e entregam e distribuem para uma audiência passiva; IV. Troca de conteúdo: assume-se que todos os participantes podem ser receptores ou emissores de conteúdo, mesmo que de forma dessincronizada (MCMILLAN, 2002; apud SIQUEIRA, 2011, p. 45).

Apesar dos diferentes tipos de relações entre usuário e conteúdo fomentados pelos meios digitais, é possível afirmar que a interatividade nasceu bem antes deles, pois, o controle do usuário ao ler um jornal e ao trocar de uma emissora de rádio ou televisão para outra também é uma forma de interação (ROST, 2014), porém, seletiva em que o indivíduo não possui controle

do conteúdo, mas sim do que deseja consumir. Entretanto, foi na fase de popularização da televisão que a interatividade se tornou prioridade das emissoras, seja por meio de programas de auditório, leitura de cartas ou telefonemas.

Nos programas de auditório, o mais emblemático neste tema foi o “*Programa Silvio Santos*” com seus quadros, por exemplo, “*A porta da esperança*” e “*Qual é a música?*”, que contavam com a participação de suas “colegas de auditório”. Já quando tratamos da leitura de cartas destaca-se os programas infantis como o “*TV Xuxa*”, em que a apresentadora lia os recados dos telespectadores mirins, e também a “*TV Globinho*” que além das mensagens exibia os desenhos feitos nas cartas pelos fãs das animações. Além disto, tivemos o uso de cartas para pedidos de ajuda de telespectadores com reformas, como no caso do “*Caldeirão do Huck*” por meio dos quadros “*Lar Doce Lar*” e “*Lata Velha*”, que depois com o advento da internet foram substituídas por *e-mails*.

Entretanto, quando falamos de interatividade na televisão é comum relacionarmos ao “*Você Decide*”, programa exibido na Rede Globo de 1992 a 2000, em que os telespectadores decidiam por meio de ligações telefônicas qual seria o final transmitido entre as duas opções propostas pela emissora. Outra forma de interação telefônica que se manteve por anos na televisão brasileira foi relacionada às votações de *reality shows*, como por exemplo, a “*Casa dos Artistas*” do SBT e o “*Big Brother Brasil*” da TV Globo. Nos anos 2000, em ambos *reality* a audiência tinha o controle de quem era eliminado e vencida o programa por meio de ligações telefônicas ou mensagens de texto (SMS). Já nos anos de 2010, os chamados torpedos e os telefonemas dos *reality shows* foram substituídos pelas votações *online* em sites da internet.

Estas novas formas de interações só foram possíveis com a chegada de tecnologias como a internet e a televisão digital que progrediram rapidamente no país. Segundo Siqueira (2011), os principais canais de televisão passaram a desenvolver programas mais interativos para sua grade, devido a convergência entre televisão e internet diante do advento da televisão digital. Esta nova versão do meio, que surgiu no Brasil em 2007, é caracterizada por seus avanços em relação ao analógico como a melhora na captação e transmissão da imagem, maior qualidade sonora e multiprogramação que permitiu opções de escolha de conteúdo e horário de consumo, além da interatividade por diferentes canais (TEIXEIRA, 2007 apud SIQUEIRA, 2011).

Com isto, além das cartas serem substituídas pelos *e-mails* e os telefonemas por votações em *websites*, a internet também permitiu a criação de *blogs*, os quais qualquer indivíduo pode criar um espaço de interação que pode ser acessado por outros milhares de usuários (SIQUEIRA, 2011), no mais favorecem também a interatividade no campo do jornalismo gerando comentários logo abaixo das publicações (ROST, 2014). Outro ponto de destaque foi

a criação das plataformas *streamings* e do *Youtube*, que possibilitam não só a transmissão de programas televisivos, séries e filmes via internet, mas também permitem comentários nativos nas plataformas. Esta evolução fez com que os canais abertos de televisão criassem seus próprios *streamings*, como é o caso da Globo com o *Globo Play*, ou vendessem seus programas a eles, como a TV Record que transmite sua programação também no *Play Plus*.

Fato é que os adventos digitais e a interatividade revolucionaram a perspectiva da mídia no país. Pois, o ato de assistir à televisão passou da forma passiva para a ativa, na qual o telespectador não tem somente o controle do que quer assistir, mas também pode intervir no conteúdo produzido pelas emissoras, interferindo no produto final. Isto ocorre, principalmente, quando falamos da internet, pois se “o rádio levou 35 anos para alcançar 50 milhões de pessoas e a televisão 13 anos, a internet levou apenas quatro anos” (SIQUEIRA, 2011, p. 18), ou seja, ela é uma ferramenta de alcance massivo e que permite respostas instantâneas por parte dos seus usuários que quando ocorre no meio televisivo, geralmente, é a partir de uma segunda tela.

2.3 A INTERATIVIDADE NA INTERNET A PARTIR DA SEGUNDA TELA

A interatividade não surgiu diante do contexto da internet, mas se fortaleceu nele, já que as ferramentas digitais contribuem para ampliar e reafirmar o significado a interação, pois estas proporcionam uma relação direta entre o público, por meio dos canais digitais, e os programas televisivos (JESUS, 2020). Além disto, destaca-se o diferencial da agilidade e os potenciais de volume e escala que eram inimagináveis antes do advento digital (SIQUEIRA, 2011). Isto porque a sociedade interativa está interligada ao elemento de instantaneidade (JESUS, 2020) reforçado no ciberespaço, no qual temos acesso às informações em tempo real. Ou seja, se antes esperávamos os telejornais para saber as principais notícias do dia, hoje com apenas um clique conseguimos ter acesso a elas em sites na internet.

Desta maneira, o comportamento do usuário mudou, pois agora ele não só possui um maior controle, mas também pode produzir o próprio conteúdo, o que afetou o consumo midiático dos meios de comunicação de massa. Apesar dos conteúdos transmitidos pela televisão seguirem em pauta no dia a dia, as emissoras precisaram se adaptar ao novo telespectador atravessado pelas tecnologias digitais (MARCON, 2017).

Com isto, não só a relação dos usuários com a televisão sofreu alterações, mas também a maneira como este consumo acontece, pois, os televisores - que permaneceram por décadas como o aparelho central da sala dos brasileiros - passaram a disputar espaço com outras telas. A partir deste novo momento midiático surgiu o conceito de segunda tela (FINGER; SOUZA,

2012). Segundo Finger e Souza (2012, p. 284), “a segunda tela pode ser qualquer dispositivo que permita o acesso à internet como smartphones, *tablets*, notebooks, entre outros, usados de forma simultânea à programação da TV”. Ou seja, enquanto o telespectador assiste à televisão ele interage com outras pessoas ou até mesmo com o próprio conteúdo televisivo via internet. Este consumo pode ser tanto de conteúdos relacionados e complementares ao assistido *offline*, quanto a interação com outras pessoas em rede fomentando os laços sociais virtuais como propõem os autores (FINGER; SOUZA, 2012).

A internet alterou a forma de assistir televisão. A conexão permanente e a popularização de dispositivos móveis aproximaram as duas mídias numa experiência distinta. Cada vez mais pessoas, no mundo inteiro, estão vendo televisão com uma segunda tela em mãos e conectadas às redes. O dispositivo permite estender a conversa da sala de estar para qualquer outro lugar, amplificando o poder do telespectador e também a força do laço social. (FINGER; SOUZA, 2012, p. 386).

Segundo pesquisa realizada pelo IBOPE Conecta, em 2018, cerca de 95% dos brasileiros com acesso à web possuem o costume de navegar pela internet e assistir televisão ao mesmo tempo (VALENTE, 2018). Além disto, 81% dos entrevistados afirmaram usar os dispositivos móveis como segunda tela. Na pesquisa anterior realizada pelo mesmo instituto em 2015, o índice em relação ao hábito de consumo de duas telas era de 88%, ou seja, em apenas três anos houve um crescimento de sete pontos percentuais. Desta forma, podemos aferir que este é o novo perfil de telespectador brasileiro, no qual segue acompanhando os conteúdos televisivos e compartilhando sua experiência, mas também opta por complementar seus conhecimentos e expor suas opiniões a partir de novas mídias que vão além do seu círculo social. Conforme Finger e Souza (2012, p. 384),

Assistir televisão sempre foi uma experiência dividida com amigos, familiares e vizinhos. Como sua popularidade só aumentou desde a sua implantação, a visualização compartilhada cresceu para um círculo cada vez maior de pessoas. Embora geograficamente distantes, as pessoas viam a mesma imagem, ao mesmo tempo. Isso permitia que a programação se tornasse um tópico regular das conversas dos mais variados segmentos sociais. Com o avanço da internet e a popularização de outras telas, essas conversas perderam qualquer tipo de limitação física, imposta por longas distâncias, por exemplo.

Com esta ampliação do círculo social, a internet também proporcionou a captação de usuários que foram motivados a consumir conteúdos televisivos a partir de comentários nos meios digitais (MARCON, 2017). Como exemplo, a novela “*Verdades Secretas*” da Rede Globo, que após viralizar no *Facebook* devido aos resumos irônicos postados na página “*Hugo Gloss*” apresentou um aumento em sua audiência, fazendo com que mais pessoas assistissem à novela e comentassem na página do autor na rede social digital, invertendo a lógica inicial de segunda tela.

Apesar do movimento de convergência, a televisão está longe de ser extinta, visto que suas características fazem dela um meio de comunicação único, entretanto, não podemos negar que a audiência está mais complexa, por isso faz-se necessário a adaptação para uma experiência mais interativa neste veículo (FINGER; SOUZA, 2012). Diante disto, os autores propõem a divisão entre dois modelos: o *crossmedia* e o *transmedia*. O *crossmedia* tem como característica a difusão de conteúdo em diversos meios, com um material idêntico ou complementar, sendo seu objetivo principal a criação da interação entre o público e o conteúdo (FINGER; SOUZA, 2012). Enquanto a *transmedia* é caracterizada pela integração dos conteúdos com os usuários como um elo de colaboração, ou seja, o telespectador passa a ter voz e se torna “o foco das atenções, como inventor de produtos e narrador de experiências” (FINGER; SOUZA, 2012, p. 378).

Como exemplo de *crossmedia* podemos citar o programa “*Rede BBB*”, transmitido no *Globo Play* (plataforma de *streaming* da Rede Globo), que além de servir como aquecimento para as noites de eliminação do reality show “*Big Brother Brasil*”, após a transmissão do programa ao vivo na TV Globo realiza uma entrevista com o eliminado da semana de forma exclusiva na internet. A partir do mesmo programa exibido no canal de *streaming*, podemos citar como exemplo de *transmedia* os áudios e vídeos enviados por fãs com perguntas para o então participante eliminado responder sobre sua participação no *reality show*. Dentro deste cenário podemos inferir que a internet colaborou para a consolidação de uma audiência ativa que vê na interação sua forma de interferir nos programas televisivos (JESUS, 2020), ou seja, o receptor deseja um canal direto para troca com outros receptores fomentando os laços sociais.

Por meio da possibilidade de interagir com outros telespectadores sobre um conteúdo em comum mediante ao uso de uma segunda tela conectada à internet surge o conceito de TV Social (FINGER; SOUZA, 2012). Ele está ancorado nestas novas formas de engajamento social estimuladas pelas redes sociais digitais, principalmente, quando falamos em comentários (JESUS, 2020) postados no Facebook, Instagram ou *Twitter*. Este espaço é destinado para informações, impressões ou troca de opiniões entre telespectadores, o que promove uma experiência mais rica fazendo com que as pessoas passem a acompanhar os programas ao vivo com o objetivo de comentar e ler o que os outros usuários estão falando sobre o programa nas plataformas digitais (EMERIM; FINGER; CAVENAGHI, 2017).

Por isto, tornou-se comum personagens de telenovelas, participantes de *reality show* e jogadores de futebol estarem entre as tendências do dia no *Twitter*, plataforma a qual possui os *trending topics* que é justamente essa mensuração de menções a algum assunto do momento.

Quando falamos em esporte, ao longo da última olimpíada em Tóquio, diversos esportistas brasileiros ocuparam o primeiro lugar dos assuntos mais comentados do *Twitter*.

Como por exemplo, Rebecca Andrade quando atingiu um feito inédito ao ganhar duas medalhas na ginástica artística na mesma olimpíada e Rayssa Leal, conhecida como fadinha do skate, que conquistou não só a medalha de prata da competição, mas também a torcida brasileira. Já o futebol tem seu espaço garantido quase todos os dias na plataforma, seja com comentários sobre os times que estão disputando uma partida ou dos próprios jogadores, tanto para o bem quanto para o mal. Deste modo, a internet permitiu novas formas de interação que passaram a moldar os programas televisivos, visto que agora as próprias emissoras instigam o usuário a comentar sobre a programação com o uso de *hashtags*¹ com o objetivo de expandir sua audiência através das novas mídias. Além de levarem seus conteúdos também para as plataformas digitais.

2.4 INTERATIVIDADE EM REDES SOCIAIS NA INTERNET

De acordo com Jesus (2020), a passividade do público anterior à internet estava relacionada às limitações das ferramentas de interação, visto que elas “ não dispunham das facilidades propiciadas pelas tecnologias digitais, capazes de dar visibilidade às reações ativas da audiência” (JESUS, 2020, p. 38). Por isto, as ações interativas influenciavam somente de forma relativa nos programas televisivos, já que em sua maioria não ocorriam de forma simultânea à transmissão. Ao contrário do cenário convergente em que as redes sociais digitais, que se apresentaram de variadas formas para suprir as expectativas e anseios dos usuários (SIQUEIRA, 2011), contribuem para uma interatividade em tempo real em distintos canais, como o *Twitter*. Entretanto, antes de entrarmos especificamente nas conversações e comentários que ocorrem na plataforma e como eles interferem na mídia tradicional precisamos compreender como se estabelecem as redes sociais na internet.

De acordo com Recuero (2009 apud ZAGO, 2011), podemos entender as redes sociais como a conciliação de dois elementos: os atores sociais (os indivíduos) e suas interações e laços sociais (relações estabelecidas entre dois ou mais indivíduos). Entretanto, quando consideramos as redes sociais na internet, elas possuem uma característica diferente, pois sua mediação não mais é realizada face a face e sim de modo online (RECUERO, 2012). Ou seja, as principais diferenças deste modelo estão nos atores sociais que são representações do indivíduo ao invés

¹São termos associados a assuntos ou discussões propostas em redes sociais digitais que são demarcados com a inserção do símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão.

dele próprio, e nas conexões entre eles, as quais nesta percepção são estabelecidas e mantidas através das ferramentas online (RECUERO, 2012), as quais chamaremos de sites de redes sociais.

Entretanto, para uma plataforma ser considerado um site de rede social, conforme afirmam Boyd e Ellison (2007 apud RECUERO, 2012) é preciso que ela permita ao usuário:

- A construção de um perfil ou página pessoal;
- A geração de interação com base em comentários;
- A exposição pública da sua rede de conexões na plataforma;

Diante dessa conceituação podemos considerar o *Twitter* como um site de rede social, já que este não é a rede em si, mas sim um espaço que oferece o suporte tecnológico para que ela exista (RECUERO, 2014). Entretanto, o *Twitter* pode ser considerado uma ferramenta híbrida, pois além da interação por meio de mensagens ele funciona também como uma forma de compartilhamento de informações (ZAGO, 2011),

Por mais que a ferramenta pareça ser mais apropriada para o compartilhamento de informações, não dá para desprezar também seu caráter de site de rede social. Há perfis, possibilidade de interação entre os perfis, e conexões podem ser estabelecidas entre os atores. Ainda que possa predominar um ou outro uso, o *Twitter* pode ser visto como um híbrido entre uma ferramenta de informação e uma ferramenta de interação (ZAGO, 2011, p. 37).

Partindo dos conceitos apresentados, neste trabalho abordaremos o *Twitter* como um site de rede social porque temos como objetivo compreender as interações realizadas na plataforma por meio de comentários que são possíveis devido ao seu caráter de *microblog*. Ou seja, através desta ferramenta os usuários podem expressar suas opiniões e seus interesses em publicações virtuais (SIQUEIRA, 2011). A facilidade de interação proporcionada por ela, visto que as celebridades, os jornalistas e as próprias emissoras de televisão possuem perfis oficiais nesta plataforma, estreitou a relação entre o meio e o telespectador.

Os comentários em redes sociais digitais são a principal forma de interação quando falamos em televisão e seus telespectadores, principalmente, porque eles se tornaram uma forma comum de participação da audiência no jornalismo (BENETTI, 2020). Desta maneira, o usuário conectado a uma segunda tela deixa sua opinião sobre o conteúdo televisivo na plataforma em um texto curto, orientado pela oralidade e vinculado à sua autoria (BENETTI, 2020).

No contexto do jornalismo esportivo o “*Jogo Aberto*”, programa de mesa redonda da Rede Bandeirantes, se torna um exemplo deste fenômeno de interação porque os jornalistas presentes discutem os principais assuntos entre si e também com a audiência que participa

através do *Twitter* com o uso das *hashtags*. Todavia, estes debates não se restringem apenas às trocas entre o *online* (*Twitter*) e *offline* (televisão), elas seguem (até mesmo após o programa) nas plataformas digitais com diálogos entre os próprios usuários do meio fomentando a conversação em rede (RECUERO, 2013).

Neste contexto é possível considerar as conversações em rede como aquelas mediadas por computadores que ocorrem nos sites de redes sociais (RECUERO, 2013), adquirindo as características dos chamados públicos de rede (BOYD, 2007 apud RECUERO, 2013) que são: permanência das interações, buscabilidade, replicabilidade das mensagens e audiências visíveis. Com isto, estas conversações que antes eram limitadas pelo o círculo social ganha amplitude nos sites de redes sociais, pois não há limites de conexões nesta rede (RECUERO, 2013), ou seja, os atores sociais podem se conectar tanto com indivíduos que são conhecidos pessoalmente, quanto com conexões formadas apenas através do mundo virtual. Dessa forma, Recuero (2013, p. 54) ressalta que “quanto mais conectados estão essas redes, mais visíveis estão as mensagens que são publicadas pelos atores e mais capazes são de ser discutidas, buscadas, replicadas e reproduzidas pelos demais”.

A fácil replicação e reprodução dos conteúdos produzidos nas redes sociais digitais já gerou a disseminação de *fake news* em programas televisivos, como foi o caso do Paulo Brito ao anunciar uma contratação equivocada ao vivo no “*Jornal do Almoço*” da RBS TV (ESPAÇO VITAL, 2012). Na ocasião, a informação falsa, que foi postada no *microblog* do jornalista gaúcho Farid Germano Filho, afirmava que o Grêmio *Foot-ball* Porto Alegre estava contratando um novo lateral esquerdo para substituir Anderson Pico, ex-jogador do clube. A partir desta publicação a história foi reproduzida em diversos portais de notícia e alcançou os assuntos mais comentados do *Twitter*, chegando à televisão com a manchete dada pelo jornalista Paulo Brito. Este é apenas um dos exemplos em que os comentários produzidos nas redes sociais digitais interferiram em programas televisivos.

Outro exemplo também relacionado ao futebol foi uma votação na internet, comandada por torcedores no *Twitter*, para decidir o craque do jogo gerou constrangimentos entre o jogador e a repórter de campo (UOL, 2019). Neste caso, a repórter Júlia Guimarães da Rede Globo foi responsável por comunicar ao Sidão, goleiro do Vasco que perdeu a partida contra o Santos por 3 a 0, que ele havia sido eleito pelos torcedores com 90% dos votos como o craque do jogo, isto porque o jogador falhou no primeiro gol sofrido pelo clube. Esta ironia realizada pelos torcedores, que foi fomentada no *Twitter*, gerou a alteração da premiação na TV Globo, a qual a partir do acontecimento passou a contabilizar os votos dos comentaristas da partida além da votação virtual com o objetivo de evitar novos ocorridos.

Os acontecimentos citados anteriormente comprovam o poder da interatividade realizada a partir das redes sociais digitais, isto porque as informações publicadas nesta mídia tomam grandes proporções em um curto período de tempo, interferindo não só no ambiente online, mas também no offline. Considerando o novo perfil de telespectador que preza pela instantaneidade ficou ainda mais propício para os meios de comunicação como a televisão, principalmente, por meio do jornalismo disseminarem informações influenciadas pelas plataformas digitais.

Além disto, a televisão está sujeita a uma maior interação do público se compararmos com o início dos anos 2000, pois as emissoras visam o engajamento da audiência, entretanto, às vezes são surpreendidas pelos telespectadores e precisam se retratar futuramente. Essas interações e movimentações nas plataformas digitais podem fomentar novos acontecimentos, os quais são atribuídos como ciberacontecimentos.

2.5 OS CIBERACONTECIMENTOS

Até aqui abordamos as relações entre mídia, esporte e redes sociais com o foco na interatividade da audiência com a televisão, a qual nos auxiliará a analisar como o processo interativo em redes sociais pode acarretar em um ciberacontecimento, assim como ocorreu na primeira narração de futebol conduzida por Renata Silveira na TV Globo. Entretanto, para seu entendimento é preciso pontuar como ele se diferencia do acontecimento, visto que o ciberacontecimento é constituído a partir da revisão das teorias acontecimentais (HENN, 2013).

Enquanto o acontecimento pode ser caracterizado como “algo do mundo concreto que se força sobre o sistema no sentido de ganhar visibilidade a partir da mediação dos jornalistas” (HENN, 2013, p. 6), ou seja, precisa de um mediador para conquistar amplitude e ser definido como tal. O ciberacontecimento possui como atributo principal sua articulação em rede, e dessa maneira, são passíveis de alta conectividade e compartilhamento sem a necessidade de mediação como, por exemplo, do jornalismo (DILL *et al.*, 2021). Ao mesmo tempo, devido aos seus poderes de alcance e mobilização, muitas vezes, os ciberacontecimentos invertem essa lógica e pautam os demais veículos midiáticos que estão além do ciberespaço.

Entende-se que os processos jornalísticos são materializações de semioses, cujos fluxos, na sua fase industrial, pautavam-se por certa linearidade na transformação do objeto semiótico (acontecimento) em signo (narrativa jornalística), com produção de interpretantes (repercussão, afetação, agendamento). Essa lógica vem sendo reiteradamente abalada pelos processos de comunicação online e ganha texturas instigantes com a consolidação das redes sociais na internet (HENN, 2015, p. 211).

Tomando novamente o objeto dessa pesquisa como exemplo, apesar da narração ter ocorrido na televisão, ela já estava repercutindo nas plataformas digitais antes do início da transmissão ao vivo devido à conversação em rede. Como vimos anteriormente, a conversação em rede (RECUERO, 2013) é um dos principais atributos das redes sociais na internet, visto que elas geram espaços interacionais e vínculos sociais com outros indivíduos (HENN, 2013).

Por outro lado, “esse sentido de conversação materializa a semiose e possibilita, metodologicamente, ver um processo de acontecimentos em construção” (HENN, 2013, p. 8), com isso, as redes sociais na internet vão além de um espaço de sociabilidade, pois se tornaram um lugar propício para a eclosão de novos acontecimentos (HENN, 2013). Desta forma, é quebrada a lógica em que o acontecimento é singular, pois quando torna-se público são abertas distintas possibilidades de interpretações, as quais são potencializadas pelas redes digitais (HENN, 2015).

Diante desta perspectiva, Henn (2015) divide os ciberacontecimentos em seis categorias, de acordo com seus sentidos, são elas: mobilizações globais, protestos virtuais, exercícios de cidadania, afirmações culturais, entretenimentos e subjetividades. As mobilizações globais são protestos organizados em plataformas digitais, mas que ganham as ruas, como foi o caso das mobilizações realizadas em junho de 2013 no Brasil. Já os protestos virtuais são as reivindicações que nascem e permanecem na internet, geralmente, espalhadas no mundo virtual por meio de *hashtags*, por exemplo, #EuNãoMereçoSerEstuprada que defendia as mulheres contra os casos de abuso sexual.

Enquanto os exercícios de cidadania estão atrelados ao uso das plataformas digitais para a realização de alguma mudança social, como o episódio do Diário de Classe, quando uma menina usou uma página no *Facebook* para cobrar melhorias na escola onde estudava, ou quando há uma questão pública de pertencimento relacionada à cidadania, como protestos contra a homofobia. Já as afirmações culturais são aquelas que implicam na visibilidade pública de segmentos os quais não são reconhecidos na mídia ou são enquadrados de maneiras estereotipadas de acordo com os preconceitos sociais.

Para esta categoria Henn (2015) aponta como exemplo os chamados “rolezinhos”, encontros promovidos por jovens de periferias em Shopping Centers das principais capitais do Brasil, nos quais foram designadas novas formas de sociabilidade e ocupação de locais públicos que anteriormente eram destinados apenas a brancos de classe média e alta. A quinta categoria é destinada aos entretenimentos, os quais podemos atribuir os casos relacionados ao humor, cultura pop, celebridades, etc.

Estes ciberacontecimentos podem ocorrer tanto de forma natural como a propagação da música de um novo cantor em plataformas de *streaming*, quanto de forma estratégica com a criação de uma coreografia para a música viralizar nas redes sociais digitais. Por fim, na última categoria são contempladas as subjetividades, nela constam as alegrias, sofrimentos, celebrações, nascimentos e mortes (HENN, 2015). Ou seja, “performances que rompem a lógica entre público e privado e envolvem pessoas que utilizam as plataformas digitais para narrar a si” (GONZATTI, 2022), por exemplo, o caso de Amanda Todd, adolescente vítima de cyberbullying que acabou se suicidando e narrando este processo na internet (HENN, 2015).

Apesar do ciberacontecimento em torno da repercussão da primeira narração feminina a frente de um campeonato masculino de futebol na televisão aberta não se enquadrar dentro de uma das seis categorias citadas por Henn (2015), ele perpassa por algumas delas. Se atribuirmos como uma consequência do movimento feminista é passível de caracterizarmos como uma mobilização social; ao passo que se pensarmos pela personalidade, neste caso a Renata Silveira, poderíamos atribuir como entretenimento ligado à sua figura como celebridade, ou até mesmo como subjetividade ao categorizar a sua conquista e a divulgação da mesma no perfil oficial da jornalista nas redes sociais digitais.

Desta forma, os ciberacontecimentos não estão somente ligados à propagação no ciberespaço, mas também as suas diversidades de atribuições (categorias) e sua facilidade de compartilhamento que os fazem ganhar uma maior visibilidade dentro e fora do ambiente digital, criando assim novos significados. Ou seja, eles vão além da internet e ocupam espaços *offline*, sejam físicos ou de mídias tradicionais, possibilitando novas reivindicações.

3 MÍDIA, FUTEBOL E MULHER

Se hoje as mulheres ganharam uma Copa do Mundo para chamar de sua, os principais clubes de futebol brasileiros possuem times femininos entre suas categorias, o país tem uma jogadora que foi eleita seis vezes a melhor do mundo no esporte e há mulheres narrando e comentando futebol na televisão aberta é porque outras mulheres pavimentaram essa via durante décadas (GLOBO ESPORTE, 2018). Um dos possíveis inícios dessa relação entre elas e o futebol foi a primeira partida entre mulheres da qual se viu falar, acredita-se que ela ocorreu em 1913 em São Paulo numa disputa entre os times Cantareira e Tremembé (CUNHA, 2016, apud SORANZO, 2022).

Já no jornalismo esportivo a presença de mulheres só ocorreu anos mais tarde, quando em 1947, a jornalista Maria Helena Rangel ingressou como repórter na Gazeta Esportiva (NASCIMENTO; CHAVES, 2021), na qual atuou na cobertura de campeonatos de vôlei e basquete. Todavia, era uma exceção na área, enquanto o ambiente futebolístico seguia predominantemente masculino. De acordo com Coelho (2006) antes da década de 1970 era praticamente impossível ter uma jornalista na editoria, isso porque entende-se que “o espaço do jornalismo esportivo se construiu como um reduto no qual a masculinidade é exacerbada” (NASCIMENTO; CHAVES, 2021, p. 514), isto porque ele é formado a partir da articulação de duas variáveis em que os homens ganham poder e assumem uma posição de destaque: o jornalismo e o esporte (NASCIMENTO; CHAVES, 2021).

Diante disto, para entendermos como as mulheres conquistaram seu espaço e quais as interferências do movimento feminista e das redes sociais digitais neste processo de ascensão delas na imprensa esportiva brasileira, é necessário primeiro apresentarmos o contexto histórico que está articulado por trás destes acontecimentos.

3.1 DA PROIBIÇÃO À APARIÇÃO NA TELEVISÃO ABERTA

A relação entre mulher e futebol no Brasil teve seu início conturbado, pois em 1941 foi sancionado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, o artigo 54 do Decreto-Lei 3.199, o qual proibia a prática feminina de “desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (BRASIL, 1941), incluindo o futebol. Neste período, a primeira onda do feminismo², que nasceu na Inglaterra no final do século XIX com a luta das sufragistas por educação e

²Feminismo é entendido como todo movimento que tem por objetivo o reconhecimento de direito e oportunidade para as mulheres.

direitos políticos, a qual focalizava na oposição entre a figura do homem e da mulher a partir do determinismo biológico, já havia perdido força e só retornou nos anos 1960 (DIAZ, 2019). Neste meio tempo, em 1949, houve a publicação do livro “*O Segundo Sexo*” da francesa Simone de Beauvoir que destacava a subordinação das mulheres como reflexo da cultura machista construída na sociedade, o qual desestabilizou as cresças do determinismo biológico (PISCITELLI, 2009).

A partir disto, a mulher não era inferior por sua natureza física ou psicológica, mas sim porque culturalmente se construiu uma imagem de poder e força atrelada à figura do masculino, tornando o esporte uma “ferramenta para sustentação de formas tradicionais de masculinidade no contexto social” (BUENO, 2018, p. 56). Ou seja, na realidade do futebol brasileiro, a mulher não foi proibida de jogar por sua condição física, por outro lado a sociedade inserida numa cultura machista inferiu que este era um local destinado apenas aos homens. Desta forma, a extinção da presença feminina no esporte, também refletiu no interesse delas pelo tema, seja na prática ou na cobertura esportiva.

Essa proibição durou até o início dos anos 1980, quando houve a revogação do artigo que também é reflexo das ondas do movimento feminista no país. Seguindo a linha do movimento europeu, no Brasil o feminismo também teve como característica inicial a luta pelo direito ao voto, conquistando o sufrágio em 1932 (PINTO, 2010). Entretanto, na década de 1960, enquanto nos outros países vivia-se um momento de efervescência do movimento com reivindicações de renovação cultural (PINTO, 2010), no Brasil era promulgado, em 1968, o Ato Institucional Nº. 5 que endureceu ainda mais a Ditadura Civil-Militar. Todavia, foi em meio ao contexto de retrocesso político que tivemos conquistas importantes de mulheres no jornalismo esportivo.

Em 1969, Marilene Dabus foi a primeira voz feminina a comentar o esporte na televisão, ao participar do programa que relatava as curiosidades do Clube de Regatas do Flamengo na TV Tupi, o que lhe rendeu o posto de setorista do clube no jornal “*Última Hora*” no mesmo ano (GLOBO ESPORTE, 2020b). Já em 1972, Zuleide Ranieri foi a primeira mulher a narrar uma partida de futebol no país, ao dar voz à disputa entre Brasil e Tchecoslováquia pela Rádio Mulher (NASCIMENTO; CHAVES, 2021). Segundo Bueno (2018), além da narradora toda a equipe da rádio era formada por mulheres sendo assim considerada a precursora do rádio jornalismo esportivo no Brasil e apresentando nomes conhecidos da imprensa, como Claudete Troiano (repórter e narradora), Leilah Silveira e Jurema Yara (comentaristas), Germana Garilli (repórter) e Léa Campos (analista de arbitragem). A jornalista Germana, que iniciou sua carreira ainda na década de 1960, ganhou destaque ao ser reconhecida como a primeira repórter

feminina profissional a realizar uma cobertura de futebol à beira do gramado pela Federação Paulista de Futebol (DANTAS, 2015).

Contudo, na década de 1970 as mulheres não começaram a romper apenas as fronteiras do jornalismo esportivo, mas também iniciaram importantes mobilizações para o avanço do movimento feminista brasileiro, o qual foi dividido em duas frentes: uma fomentada no exílio e a outra dentro do país. Em 1975 no Brasil, segundo Pinto (2010), aconteceu a primeira semana de debates intitulada “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira” patrocinada pelo Centro de Informações da Organização das Nações Unidas (ONU). Além disto, no mesmo ano, foi lançado o Movimento Feminino pela Anistia liderado por Therezinha Zerbini, fundamental para a luta pela anistia que ocorreu em 1979 (PINTO, 2010). Já no exílio, as brasileiras tiveram contato com o feminismo europeu, diante disso passaram a realizar mobilizações e reunir-se em grupos como o Círculo das Mulheres em Paris, abordando questões de gênero atreladas às classes sociais (DIAZ, 2019). A partir da experiência dos grupos organizados no exílio, houve uma revolução no feminismo brasileiro em que as mulheres exiladas trouxeram seus aprendizados e passaram a levantar as primeiras bandeiras de gênero no Brasil somando-se às lutas de classes (DIAZ, 2019).

Apesar disto, segundo Pinto (2010), foi nos anos de 1980 que tivemos a grande virada do movimento feminista brasileiro levantando tópicos importantes e questionando os direitos das mulheres:

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais (PINTO, 2010, p. 17).

Com a abordagem de temas variados e com a aproximação dos movimentos populares que lutavam por educação, saúde, saneamento e habitação (PINTO, 2010), a terceira onda do feminismo brasileiro ficou marcada pela proximidade entre a origem do movimento, que era majoritariamente branca, intelectualizada e de classe média, com as camadas mais populares da sociedade, promovendo novas ações e discursos para ambos os lados (DIAZ, 2019). Dentro deste novo contexto, a vitória mais significativa do movimento brasileiro ocorreu em 1984, quando se deu a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), que junto com os grupos organizados promoveram movimentos importantes, como a campanha nacional para a inclusão dos direitos das mulheres na nova constituição, que depois resultou na Constituição de 1988, uma das que mais garante direitos às mulheres no mundo (PINTO, 2010).

Porém, não foi apenas o movimento feminista que passou por avanços nessa década, no jornalismo esportivo tivemos as primeiras coberturas esportivas no jornalismo impresso e também as primeiras aparições de mulheres em programas esportivos na televisão aberta brasileira. No jornalismo impresso, o pioneirismo em cobertura de eventos foi da jornalista Alaíde Pires, que compunha a editoria de esportes do jornal “*O Dia*” e era responsável pelas matérias envolvendo eventos automobilísticos como a Fórmula 1 (DANTAS, 2015).

Quando falamos da televisão aberta, segundo o site Memória Globo (2021), Monika Leitão foi uma das primeiras mulheres da editoria a aparecer nas telas da Rede Globo, realizando matérias para o Globo Esporte e entradas ao vivo em telejornais da emissora, além de ter sido enviada para a cobertura dos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 (MEMÓRIAS GLOBO, 2021a). Já quando se trata da apresentação do Globo Esporte, programa diário dedicado a editoria na TV Globo, a estreante foi Isabela Scalabrini, que anteriormente já cobria diversas modalidades esportivas — exceto o futebol, que na época era exclusivo aos homens — (BUENO, 2018), mas que em 1987 se tornou a primeira âncora mulher, todavia ela comandava a atração somente aos sábados (MEMÓRIAS GLOBO, 2021b).

Depois destes empurrões, outras mulheres ganharam seu espaço no esporte da principal emissora aberta do país, a Rede Globo. Por exemplo, Mylena Ciribelli que em 1991 passou a apresentar o Esporte Espetacular aos domingos e Glenda Kozlowski que foi a primeira mulher a comandar uma atração esportiva da casa diariamente, em 1998, quando assumiu a apresentação do Globo Esporte de segunda a sexta (DANTAS, 2015). De lá para cá, outras mulheres também conquistaram seu lugar dentro da editoria, porém, diante de preconceitos e questionamentos em torno da figura feminina nesta área demorou para elas assumirem as vozes das transmissões esportivas, principalmente, quando associadas ao futebol. Mas se analisarmos historicamente a cultura machista não está restrita somente ao âmbito do esporte, mas também reflete no campo jornalístico como um todo, gerando teorias que o classificam como um gênero masculino (SILVA, 2010).

3.2 O GÊNERO MASCULINO DO JORNALISMO

Da primeira mulher a apresentar um programa esportivo diário à primeira voz feminina a comandar a transmissão de uma partida de futebol masculina na televisão aberta passaram-se 24 anos. Neste período, houveram avanços importantes, por exemplo, quando Soninha Francine virou comentarista da ESPN em 1999 (logo depois assumiu os microfones da Rádio Globo) e

quando a jornalista Renata Fan se tornou a primeira âncora de um programa de mesa redonda ao integrar a equipe do “Jogo Aberto” na Rede Bandeirantes em 2007 (DANTAS, 2015).

Apesar das conquistas, algo impedia que a voz feminina se tornasse protagonista das transmissões de futebol masculino durante esses anos. Isso porque a cultura alimenta o machismo exacerbado do meio futebolístico, no qual os editores dos principais veículos de comunicação do país preferiram colocar homens na cobertura de jogos de futebol, pois diante de suas visões os jornalistas compreendiam melhor o esporte do que as mulheres, as quais eram destinadas em sua maioria à cobertura de outras modalidades, principalmente, esportes olímpicos (DANTAS, 2015).

Sempre houveram dificuldades pelas quais essas profissionais passaram para conquistar seu espaço na imprensa brasileira, Bueno (2018) cita três como principais: a proibição da mulher em competições esportivas; a prática de entrevistas com atletas em vestiários; e por fim, o preconceito relacionado ao gênero que reflete em colegas de trabalho, jogadores, juízes, torcedores e espectadores. Deste modo, é preciso que a mulher se prove constantemente na área, mostrando que consegue compreender e discutir sobre o mundo esportivo (BUENO, 2018). Todavia, o prejulgamento do conhecimento feminino e sua inferioridade a posição ocupada pelo homem na imprensa não está presente somente no jornalismo esportivo, pois para Silva (2010) podemos considerar o jornalismo em si como um gênero masculino. Mas para entendermos como a autora interpreta o jornalismo dessa forma, é necessário adentrarmos nas conceituações de gênero e seus atributos.

Em suas definições iniciais, o termo foi formulado como um conceito de identidade de gênero, no qual o psicanalista estadunidense Robert Stoller distingue entre natureza e o modo social, dessa maneira, o conceito de sexo estava vinculado à biologia e o de gênero relacionado à cultura (PISCITELLI, 2009). Apesar desta definição ter sido contemplada na visão da psicologia, no cotidiano e nas ciências entendia-se gênero como um sinônimo da palavra sexo, inferindo diretamente sobre as características biológicas dos seres, ou seja, desde que nascemos somos ensinados a utilizar a classificação do feminino e masculino (DIAZ, 2019).

Partindo da ideia inicial da psicanálise, Scott (1990 apud SILVA, 2010, p.49) conceitua o gênero a partir de um elemento construído nas relações sociais e fundado por meio das diferenças percebidas entre os sexos (feminino e masculino), sendo constituído assim a primeira relação de poder entre os gêneros. Dentro deste ponto de vista, Louro (1997) salienta que a distinção biológica, seja ela percebida no âmbito do senso comum ou da ciência, é utilizada para justificar a desigualdade social. Com isto, para compreender as relações sociais de homens

e mulheres é preciso compreender não só seus sexos, mas também tudo o que se construiu socialmente sobre eles (LOURO, 1997).

Com base neste princípio “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos que a constituem” (LOURO, 1997, p.7). Por isto, atualmente, estes conceitos atrelados ao sexo podem ser considerados como defasados, visto que é preciso ponderar que as questões de gênero não podem ser limitadas ao feminino e masculino, pois estaríamos seguindo apenas o padrão heteronormativo e, assim, excluindo demais membros da sociedade. Diante disto, Piscitelli (2009) entende que há outros fatores além do biológico e do cultural que inferem nesta conceituação:

Nas suas reformulações, o conceito de gênero requer pensar não apenas nas distinções entre homens e mulheres, entre masculino e feminino, mas em como as construções de masculinidade e feminilidade são criadas na articulação com outras diferenças, de raça, classe social, nacionalidade, idade; e como essas noções se embaralham e misturam no corpo de todas as pessoas, inclusive aqueles que, como intersexos, travestis e transexuais, não se deixam classificar de maneira linear como apenas homens ou mulheres (PISCITELLI, 2009, p. 29).

Assim como a justiça, a igreja, a educação e a política são atravessadas pelas relações de gênero (LOURO, 1997), o jornalismo também faz parte destas instâncias generificadas³. De acordo com Silva (2010), diante do seu papel como informante ele também produz as relações e consequentemente está associado aos parâmetros comportamentais da nossa sociedade. Isso porque o jornalismo não apenas “se relaciona diretamente com os saberes legítimos e produzidos nas instâncias de poder, mas também porque a mídia participa dos processos didáticos de explicação dos conhecimentos que devem ser partilhados e tomados como norteadores da sociedade” (SILVA, 2010, p. 62).

Com isso, é importante refletir o papel do jornalismo como um locutor que busca explicar o meio em que vivemos, ou seja, se vivemos em uma sociedade culturalmente perpassada pelas relações de gênero isso também contribui para a generificação da imprensa e vice-versa. Para Silva (2010) o primeiro passo para entender como o jornalismo contribui para estas representações hegemônicas e heteronormativas de gênero é investigar os modos como ele está inserido neste contexto. “É perceber o jornalismo, por uma ótica de gênero, relacionado com os modos como se constrói o conhecimento sobre as coisas (e pessoas) do mundo” (SILVA, 2010, p. 63). Para isso, em sua dissertação de mestrado, Márcia Veiga perpassa por

³Entende-se como generificadas todas as práticas que são reproduzidas diante das diferenças produzidas por relações de poder atravessadas de gênero.

todas as instâncias de uma redação jornalística até inferir que o jornalismo pode ser atribuído ao gênero masculino.

Considerando que uma reportagem tem como ponto inicial a seleção dos fatos com base nos valores-notícia (acontecimentos que são tidos como noticiáveis), nesta escolha é encontrada a primeira inserção de percepções e subjetividades, do jornalista e do veículo midiático, que são perpassadas pelas relações culturais e profissionais, incluindo as de gênero. Pois, para Silva (2010), o jornalista é parte da sociedade e com isso partilha visões de mundo de acordo com a cultura em que está inserido, definindo o que é certo ou errado, normal ou anormal, e são estes parâmetros, geralmente normativos, que auxiliam a eleger o que é ou não notícia. Desta forma, “se o jornalismo é generificado é porque os atores desse processo também estão perpassados pelos valores de gênero, bem como dos demais marcadores sociais” (DIAZ, 2019, p. 33).

De modo geral, a imprensa segue os padrões normativos e generificação desde o início da produção da notícia com a idealização da pauta até a escolha do repórter a executá-la.

Nos processos de produção das notícias, esta hierarquia seguiu na mesma direção. Aferi que gênero também compunha as visões de mundo que estavam a orientar inconscientemente os jornalistas na produção das notícias em todas as suas instâncias. Entre as pautas, assim como entre os repórteres, havia uma hierarquia de valores correspondentes, e esses valores estavam constituídos de gênero. As concepções de gênero estavam presentes na idealização das matérias, bem como permeavam as escolhas dos repórteres que iriam realizá-las. Neste pequeno universo observado, os valores e a hierarquização de profissionais, de notícias e as demais escolhas durante a produção equiparavam-se à normatividade social vigente (SILVA, 2010, p. 133).

As generificações estão presentes tanto na linguagem das notícias, de acordo com quem irá reportá-las, quanto na hierarquização da exibição das reportagens quando tratamos de um produto televisivo. Isso porque, conforme aponta Silva (2010), as notícias que possuem um tom mais leve, intituladas de *softnews*, geralmente são destinadas às repórteres do sexo feminino, enquanto as matérias de caráter investigativo e forte, tratadas como *hardnews*, são atribuídas aos jornalistas do sexo masculino. Além disto, a ordem com que são exibidas em programas televisivos, no caso de produtos audiovisuais, também se assemelham à hierarquia de gênero que prevalece na sociedade, ou seja, o masculino como o mais valorizado, assumindo o topo e abrindo o programa jornalístico (SILVA, 2010). Desta maneira, “o masculino se constitui como condição primeira, que subordina o feminino em relação hierárquica. Os modos masculinos coincidem com a norma mais geral; recrudescem sua posição reafirmando o feminino como desvio, inadequação, falta” (FRAGA, 2003 apud SILVA, 2010, p. 198) tanto no fazer jornalístico quanto na sociedade.

Por isto, a falta de representatividade feminina no jornalismo esportivo é um reflexo não só da sociedade, mas também do gênero masculino apropriado pelo jornalismo. Não é à toa que

dos 66 profissionais envolvidos em programas esportivos da televisão aberta brasileira em 2015 apenas 22% eram mulheres, segundo pesquisa realizada por Noemi Correa Bueno e José Carlos Marques (BUENO, 2018). Diante dos dados de inferioridade, é compreensível que cada conquista das mulheres neste ambiente masculino, diga-se de passagem, seja exaltada.

3.3 DO CIBERATIVISMO FEMINISTA À PRIMEIRA NARRAÇÃO

Para uma mulher conquistar o lugar de destaque no jornalismo esportivo no Brasil, como é o caso da jornalista Renata Silveira ao ser pioneira na narração de partidas de futebol masculino na Rede Globo, outras tantas precisaram trilhar esse caminho no passado para abrir espaços nessa editoria nos meios tradicionais como apresentado nos subcapítulos anteriores. Todavia, apesar da figura feminina ter aumentado sua participação na área no início do século XXI “a inserção da mulher no jornalismo esportivo na televisão aberta brasileira não significou uma ruptura nas estruturas androcêntricas” (BUENO, 2018, p. 44), isto porque elas não eram vistas como autoridade no tema.

Segundo Bueno (2018), as jornalistas esportivas assumiam a função de apontar quais temas seriam debatidos e levantar discussões, as quais os homens que compunham o programa produziram o conteúdo e emitiram sua opinião. Dessa forma, a elas se limitava o espaço de intermediação entre os narradores/comentaristas e a audiência (BUENO, 2018). Mas o que mudou dos anos de 2010, quando elas eram exceção na posição de comentaristas, para os anos 2020 em que os programas e transmissões esportivas também são comandados por vozes femininas? Para compreendermos essas movimentações será necessário retomarmos ao movimento feminista e seus reflexos na sociedade brasileira.

De acordo com Matos (2010), podemos considerar a ascendência de uma quarta onda feminista na América Latina a partir dos anos 2000, a qual propõe novos desafios por meio da horizontalização do movimento feminista e do diálogo intercultural. Além disto, as reivindicações dessa nova onda são diversas e revisitam temáticas já abordadas anteriormente pelo movimento (como a presença feminina no mercado de trabalho, igualdade salarial, violência contra mulher, assédio sexual, estupro, etc.), o que a caracteriza como diferente é a massificação das pautas feministas, as quais são popularizadas nas redes sociais digitais ou através delas (CAZARRÉ, 2016).

Já para Queiroz (2016, apud Diaz, 2019) o marco inicial desta nova onda se deu com a primeira Marcha das Vadias em São Paulo em junho de 2011. Este movimento teve início no Canadá quando um policial culpabilizou as mulheres após uma série de estupros na

Universidade de Yale justificando que elas se vestiam como “vadias” (DIAZ, 2019). A partir do episódio diversos protestos foram realizados ao redor mundo, incluindo no Brasil, mostrando o poder da comunicação em rede. Entretanto, segundo Diaz (2019), a concretização desta nova onda do feminismo no Brasil se deu com as mobilizações e campanhas realizadas em redes sociais digitais como a “*Chega de Fiu Fiu*”⁴ e #*PrimeiroAssédio*⁵ entre os anos de 2014 e 2015.

Desta forma, fica evidente a participação das redes sociais digitais para a fomentação e tensionamento destes acontecimentos no ciberespaço e também fora dele. Lemos (2005 apud DIAZ, 2019) caracteriza o ciberativismo como uma forma própria das redes sociais de fazer ativismo, o qual expressa suas ideias por meio digital como alternativa aos meios de comunicação tradicionais. Ou seja, muitas vezes, essas pautas se intensificam primeiro nas plataformas digitais com o auxílio de *hashtags* para depois ganharem espaço na agenda da mídia tradicional. Pois, o mundo virtual se torna um prolongamento do que entendemos por espaço “real” e com isso há mais possibilidades de os argumentos serem disseminados entre os públicos (FONSECA; CARDOSO, 2018).

No mundo esportivo um exemplo do uso das redes sociais digitais para disseminação de uma pauta feminista foi a campanha #*DeixaElaTrabalhar*⁶ encabeçada pelas jornalistas esportivas em março de 2018 após episódios de assédio em estádios de futebol. O movimento teve início quando a repórter Bruna Dealtry foi beijada à força por um torcedor ao vivo enquanto realizava a cobertura da partida de futebol masculino entre Vasco e Universidad do Chile pela Copa Libertadores da América no canal Esporte Interativo (UOL, 2018c) A partir deste acontecimento, um grupo formado por cerca de 50 jornalistas mulheres lançou o manifesto por meio de um vídeo, no qual elas relataram comentários violentos, casos de assédio e até mesmo ameaças de estupro por parte dos torcedores nos estádios.

Logo depois do lançamento o movimento tomou conta das redes sociais digitais por meio da intensificação da *hashtag*, e com isso os principais portais de notícia do país passaram a dar visibilidade para a pauta que também ganhou apoio de diversos clubes de futebol brasileiro ao aderirem a campanha no *Twitter* e até mesmo nos estádios. Este episódio pode ser caracterizado como um manifesto ciberativista visto que foi uma “alternativa encontrada pelos movimentos sociais [neste caso o feminismo] para tornar suas pautas em agenda do jornalismo

⁴Campanha de combate ao assédio sexual em espaços públicos criada em julho de 2013 pelo coletivo Think Olga em parceria com a Defensoria Pública de São Paulo.

⁵Movimento estimulado pelo coletivo Think Olga que a partir dos comentários na internet a respeito de uma criança de 12 anos, a qual participava do programa televisivo *Masterchef Junior*, incentivou outras pessoas relataram casos de assédio que sofreram publicamente no *Twitter* com o uso da *hashtag*.

⁶#*DeixaElaTrabalhar*: a nova investida de mulheres jornalistas contra o machismo.

de mídias tradicionais” (DIAZ, 2019). E através do advento da internet essa mobilização ocorreu de forma acelerada, visto que por meio das redes sociais digitais a mensagem se espalha rapidamente e em grande escala (PEREIRA, 2017).

Deste modo, as conquistas das mulheres tanto no jornalismo esportivo, quanto na sociedade está relacionada ao fenômeno do ciberfeminismo, o qual se utiliza das novas tecnologias de comunicação de massa como ferramentas para contribuir para a transformação da sociedade e das posições de gênero normativas (SOUZA, 2015 apud PEREIRA, 2017, p.42). É por meio das tensões criadas nestes ambientes que as mulheres não só expõem suas opiniões, mas também reivindicam seus direitos, como por exemplo de serem respeitadas no jornalismo esportivo, ocuparem a posição de comentarista e até mesmo narradora de campeonatos de futebol masculino no rádio e na televisão, espaços que antes eram negados a elas. Ou seja, o reconhecimento dessas profissionais se torna possível através dos movimentos criados e disseminados no ciberespaço.

Neste capítulo foi apresentado um panorama de como as mulheres adentraram no ambiente esportivo desde a proibição da prática do futebol até a primeira narração feminina de uma partida de futebol masculino na televisão aberta. Trazendo para a discussão como o movimento feminista e as redes sociais digitais, principalmente, o ciberativismo contribuíram para essas conquistas. Com base neste referencial teórico, serão mobilizadas metodologias de análise de conteúdo e do acontecimento, para compreendermos como estes fatos refletem no público, a partir da análise de sentidos de redes sociais digitais que visa entender as percepções dos telespectadores da primeira narração feminina em uma transmissão esportiva masculina na Rede Globo por meio de comentários realizados no *Twitter*.

4 DO ACONTECIMENTO À REPERCUSSÃO

Apesar da estreia de Renata Silveira nas transmissões esportivas em televisão aberta ter ocorrido apenas em 2022, sua carreira no jornalismo esportivo começou em 2014, quando ela narrou dois jogos da Copa do Mundo de Futebol Feminino na rádio da Globo após vencer o concurso “Garota da Voz” (BARDUSCO, 2021). Enquanto sua primeira aparição na televisão é marcada pela Copa do Mundo de Futebol Masculino em 2018, quando a jornalista foi escolhida pelo canal Fox Sports para narrar dois jogos do Brasil e também a final entre França e Croácia (SCHWARTSMAN, 2022). Após comandar as transmissões do Mundial, Renata foi contratada em definitivo pela emissora, na qual passou a narrar ligas nacionais da Europa, jogos da Libertadores (feminino e masculino), Sul-Americana, Liga Europa, Liga dos Campeões Feminina e Brasileirão Feminino. Com maior experiência adquirida, ela deixou o Fox Sports ao final de 2020 para fazer parte do time de narradores dos canais fechados do Grupo Globo (UOL, 2020b).

Já no principal grupo de comunicação do país ela ganhou notabilidade entre os homens e passou a dar voz às transmissões. Em março de 2021, Renata fez história ao ser a primeira narradora mulher a comandar uma jornada esportiva masculina no SporTV, este marco ocorreu no jogo entre Botafogo e Moto Club pela Copa do Brasil. Já em junho, apenas três meses após sua estreia, Renata passou por um dos seus principais desafios, que foi a narração da partida entre Dinamarca e Finlândia, válida pela Eurocopa de Futebol Masculino em 2020, a qual foi marcada pelo mal súbito do jogador Christian Eriksen da Dinamarca. Nesta época já se comentava sobre a desenvoltura da jornalista e sua postura ética aguardando as informações oficiais do acontecimento. Além desta transmissão marcante, ela seguiu nas locuções das partidas dos campeonatos brasileiros de futebol masculino, e em julho do mesmo ano, durante as Olimpíadas de Tóquio, a jornalista conquistou mais um feito ao narrar o confronto entre a seleção brasileira e a Costa do Marfim também no SporTV. Apesar do pioneirismo, até o acontecimento que é o enfoque desta pesquisa Renata havia narrado jogos de futebol masculino apenas na televisão fechada, ou seja, ainda estava restrito a uma parcela da população que tem acesso à programação da TV à cabo.

Para entendermos este fenômeno percorremos o caminho teórico-metodológico da análise do acontecimento proposta por França e Lopes (2017). Pois, para as autoras uma das melhores maneiras de interpretar o significado de um acontecimento é individualizá-lo, visando compreender como ele se tornou único no meio de tantos outros. Diante deste aspecto, o acontecimento é justificado porque durante 56 anos o habitual era escutarmos somente vozes

masculinas em narrações esportivas, principalmente, ligadas às partidas de futebol transmitidas pela Rede Globo.

Desta forma, quando a voz de uma mulher conquista um espaço neste cenário tipicamente masculino em que se enquadra o jornalismo esportivo dos canais abertos ela rompe o senso comum e torna-se um fato único perante os outros. Ademais, segundo França e Lopes (2017, p. 76) “a potencialidade do acontecimento reside no desafio de identificar, através dele, tendências que apontam para a preservação e/ou renovação da vida social”. Ou seja, a conquista deste lugar e a aceitação das mulheres - que também está atrelada à evolução do feminismo abordada no capítulo anterior - no comando de jornadas esportivas podem ser adotadas como uma renovação da vida social e por isso reforça a ideia de estarmos lidando com um acontecimento.

Além disto, a partir da recepção dos telespectadores que se expressam, geralmente, por uma segunda tela conectados à internet por meio de comentários, é formada uma nova camada em torno do acontecimento inicial, a qual nos cabe atribuí-la como um ciberacontecimento, pois sua constituição e propagação é oriunda das plataformas de redes digitais (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN; 2019). Desta forma, “o resultado é uma rede múltipla de associações que constrói o acontecimento na mesma medida em que o inventa, o produz, se afastando da tentativa de representação fiel do fenômeno narrado” (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN; 2019, p. 7) construindo novos sentidos no ciberespaço.

Para fins de análise, toma-se o protocolo de acontecimento proposto por França e Lopes (2017), todavia o substituindo pelo ciberacontecimento. Isto porque o acontecimento inicial (a narração de Renata Silveira na TV Globo) caracteriza-se como um ciberacontecimento quando ganha novas proporções na internet, aumentando sua visibilidade e gerando novos sentidos a partir das interações nas redes sociais digitais.

Com o objetivo de compreender os sentidos produzidos por esses comentários gerados no ciberespaço utiliza-se como metodologia a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais. Ela se concentra nas especificidades do ciberacontecimento identificando suas semioses específicas a partir de três movimentos: mapeamento e identificação, agrupamento de constelações de sentidos e inferências (BITTENCOURT; GONZATTI, 2018). Segundo os autores, no primeiro é realizado o mapeamento dos signos, identificando o contexto e as controvérsias em que ocorre a produção de sentidos.

Já no segundo são formadas as constelações e produzidas as inferências a partir das atribuições de sentidos construídas por meio da análise do *corpus* mapeado na etapa anterior. Por fim, é organizado um esquema de visualização das semioses, no qual é problematizada

tanto a perspectiva teórica, quanto o problema de pesquisa do trabalho em questão (BITTENCOURT; GONZATTI, 2018). Desta maneira, conseguimos classificar os comentários dos telespectadores no *Twitter* a partir dos sentidos produzidos por eles e identificados nas constelações.

Para a delimitação do *corpus* desta pesquisa utilizamos as técnicas de análise de conteúdo proposta por (HERSCOVITZ, 2005), pois, além de ser uma metodologia eficiente “para avaliar um grande volume de informação manifesta cujas palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas” (HERSCOVITZ, 2005, p. 125), ela também pode ser entendida como um método híbrido que reúne elementos quantitativos e qualitativos. Esta metodologia foi utilizada como ferramenta para a coleta quantitativa e a seleção qualitativa de comentários dos telespectadores no *Twitter*, realizada entre junho e setembro de 2022, a partir das postagens sobre o acontecimento publicadas no perfil oficial do Globo Esporte, programa da Rede Globo direcionado aos esportes, e da narradora Renata Silveira no dia 21 de abril de 2022. Para início da observação foram coletados 287 *tweet's* de telespectadores, mas para fins de análise foram considerados apenas 270. Por meio desta seleção foram mapeadas as três constelações⁷ de sentidos (positiva, negativa e dispersão), as quais orientaram a produção de inferências com base nos *tweet's* analisados que foram divididas em 12 categorias tomadas a partir da análise de construção de sentidos em redes digitais (HENN, 2014).

4.1 A NARRAÇÃO COMO ACONTECIMENTO

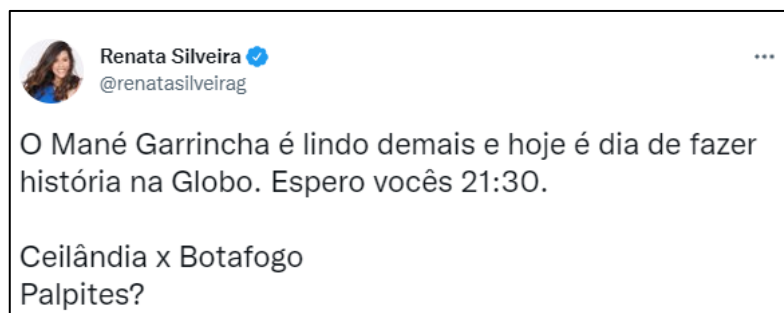
No dia 20 de abril de 2022 às 21 h 30 min no estádio Mané Garrincha, localizado em Brasília, iniciou-se o confronto entre os clubes Ceilândia e Botafogo pela Copa do Brasil. Esta era a primeira partida para definir quem avançava para a quarta etapa da competição. Apesar de ser uma fase de “mata-mata”, ou seja, quem vencesse seguia na disputa e quem perdesse estava fora do campeonato, a vitória mais importante não aconteceu no gramado, mas sim nas cabines de imprensa do estádio. Pois, foi neste mesmo momento que Renata Silveira se tornou a primeira mulher a narrar uma partida de futebol masculino na televisão aberta, ao dar voz ao confronto na Rede Globo.

Antes mesmo de sua realização o acontecimento já era pauta nas redes sociais digitais e em portais voltados para o esporte, como no UOL (RIZZO, 2022) e Lance (2022), devido ao

⁷As constelações são classificações realizadas a partir do mapeamento de sentidos proposto pela metodologia de Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais.

seu ineditismo na mídia brasileira. A própria narradora publicou em seu perfil no *Twitter* momentos antes da partida avisando aos torcedores que iria comandar a transmissão.

Figura 1 - Renata Silveira anuncia no *Twitter* a sua estreia na Rede Globo



Fonte: *Twitter* (2022).

Entretanto, é imprescindível salientar que a primeira narração feminina nas telas da Rede Globo ocorreu em fevereiro de 2022, quando a jornalista deu voz ao primeiro jogo da final entre Flamengo e Grêmio pela Supercopa Feminina. Todavia, para fins de análise deste presente trabalho consideramos o seu pioneirismo a frente de uma jornada esportiva de um campeonato masculino. Isto porque entendemos que considerar sua estreia em uma competição feminina seria reforçar o estereótipo e o machismo imposto à sociedade, o qual acredita que uma mulher só deve narrar, apitar ou comentar jogos da sua categoria, portanto de outras mulheres. Por isto, tratamos aqui como acontecimento aquele fato concreto que gera inquietações e provoca ações (FRANÇA; LOPES, 2017), quando a mulher não só rompe com a tradição de vozes masculinas em jornadas esportivas, mas também gera desconfortos por parte dos torcedores em sua maioria homens que são refletidas no ciberespaço.

O fato inédito que ocorreu no vigésimo dia do mês de abril ganhou repercussão na internet logo após a partida, quando o perfil oficial do Globo Esporte no *Twitter* publicou uma matéria sobre o acontecimento histórico de Renata Silveira o classificando como um dia especial.

Figura 2 - O *Twitter* do Globo Esporte classifica a estreia de Renata Silveira como especial



Fonte: *Twitter* (2022).

Este *tweet* do perfil da Globo (Figura 2) dedicado à modalidade teve mais de mil curtidas, 80 comentários, 63 *retweet's* e 11 novas publicações a partir do original. Ademais, outros perfis conhecidos por apoiar o futebol feminino e a presença das mulheres no jornalismo esportivo também realizaram postagens sobre o acontecimento. Um deles foi o Dibradoras⁸, perfil do *Twitter* dedicado às mulheres no futebol, o qual publicou um vídeo na rede social digital do momento em que Renata Silveira abre a jornada esportiva na Rede Globo comemorando o fato de uma voz feminina narrar pela primeira vez um jogo de futebol masculino.

⁸O Dibradoras iniciou em 2015 com um blog na internet com o objetivo de ampliar a visibilidade feminina nos esportes. Hoje o projeto conta com mais de 57 mil seguidores no *Twitter* e ganhou espaço no UOL e na Folha de São Paulo, por meio da jornalista Renata Mendonça, que é cofundadora do projeto.

Figura 3 - O perfil Dibradoras no *Twitter* comemora a estreia de Renata Silveira na TV Globo



Fonte: *Twitter* (2022).

Nesta publicação (Figura 3) somaram-se mais de 28,9 mil curtidas, 1616 *retweet's* e 868 comentários. Porém, a repercussão ampliou quando a própria narradora repostou o *tweet* em seu perfil comentando o nervosismo dela ao iniciar a transmissão:

Figura 4 - Renata comenta a partir do *tweet* do Dibradores sobre seu nervosismo na estreia



Fonte: *Twitter* (2022).

No perfil de Renata Silveira (Figura 4) houveram mais de 106 mil curtidas, 3 mil *retweet's* e cerca de 2,5 mil comentários gerados por torcedores a partir da publicação. Diante

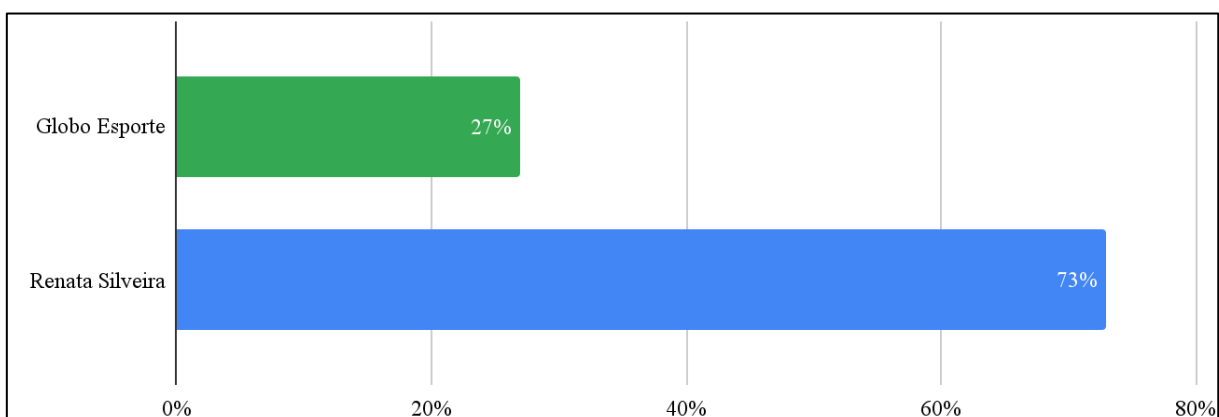
deste ciberacontecimento iremos considerar para fins de análise os *tweet's* do Globo Esporte (Figura 2) repercutindo a transmissão e da jornalista Renata Silveira (Figura 4) relatando sua experiência na narração do confronto entre Botafogo e Ceilândia para compreender as afetações dos torcedores a partir dos comentários registrados nestas postagens no *Twitter*. Foram escolhidos os dois *tweet's* para obtenção de um material mais vasto o qual contemplasse a diversificação da formação cultural, visto que nem todos os usuários que seguem o Globo Esporte nesta rede social digital seguem também a Renata Silveira e vice-versa. Entendemos que são públicos semelhantes, mas não iguais, desta forma, conseguimos ampliar o *corpus* da pesquisa para uma maior variedade de percepções.

4.2 ENTRE NEGAÇÕES E ACEITAÇÕES

Contemplando a metodologia utilizada para a análise de sentidos dos comentários em redes sociais digitais foi realizada uma coleta de *tweet's* para a criação de constelações, na qual desconsideramos as publicações secundárias, ou seja, aquelas originadas a partir de um comentário que não faz referência a postagem original, pois haveria uma dispersão do foco inicial da pesquisa. Por isto, foram considerados apenas os comentários principais das duas publicações escolhidas para análise. Depois desta primeira seleção restaram 73 respostas na postagem do Globo Esporte e 214 no perfil de Renata Silveira, somando-se 287 *tweet's*.

Entretanto, após a primeira coleta foram excluídas da análise as respostas que continham apenas *emojis*, devido à dificuldade de classificá-los pois são signos abertos e passíveis de distintas interpretações. Após esta segunda seleção sobraram 198 *tweet's* advindos da postagem da jornalista e 72 do Globo Esporte, com isto foram analisados 270 comentários na criação das constelações.

Gráfico 1 - Origem dos comentários conforme os *tweet's* selecionados para análise



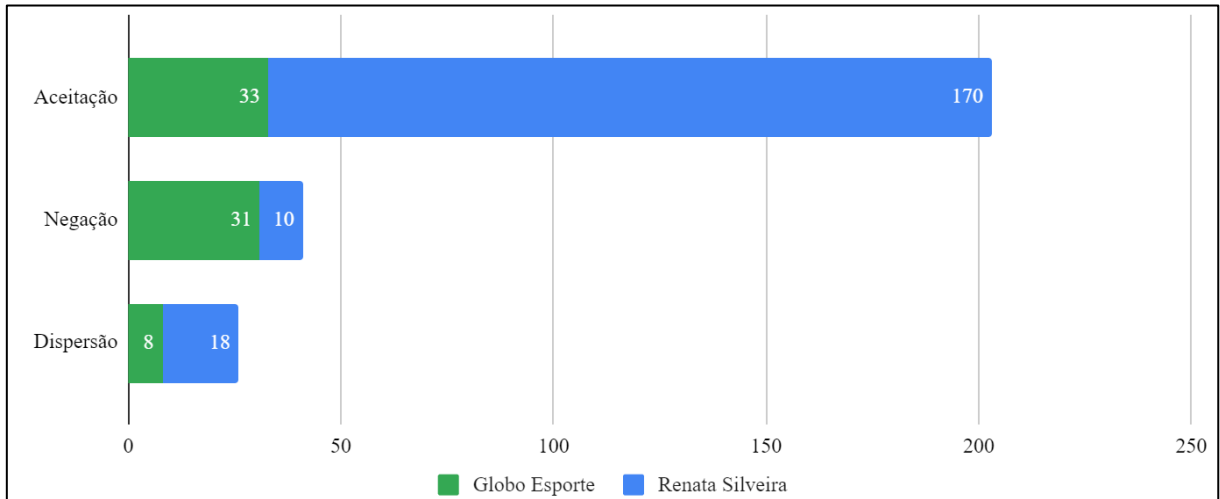
Fonte: elaborado pela autora (2022).

Com a apuração inicial, o *corpus* foi dividido em três constelações: negação, aceitação e dispersão. Na primeira constelação foram mapeados os comentários negativos em relação à estreia da narração feminina em um jogo masculino na televisão aberta, desde reclamações sobre a locução até críticas à emissora. Na segunda constelação, a qual denominamos como aceitação, separamos as postagens com caráter positivo que vão de contemplações a narradora, às comemorações do acontecimento histórico.

Já na terceira, que chamaremos de dispersão, encontram-se todos os comentários que não se referem diretamente ao acontecimento aqui tratado como objeto da análise. Enquadram-se nesta constelação as publicações que envolvem marcações, postagens envolvendo os clubes que disputavam a partida e respostas ao conjunto geral de *tweet's*, por exemplo, questionando o machismo incorporado em alguns comentários, mas sem emitir a percepção em relação à narração de Renata Silveira. Para fins de análise foram unificados os comentários advindos de ambos *tweet's* – do Globo Esporte e da Renata Silveira, pois se equiparavam proporcionalmente em relação as constelações apresentadas.

Na constelação de negação foram identificados 31 comentários no *tweet* do Globo Esporte e apenas 10 na publicação da Renata Silveira, somando 41 *tweet's*. Enquanto na constelação de aceitação foram contabilizadas 33 publicações positivas na postagem do Globo Esporte e 170 no perfil da jornalista, totalizando 203 comentários de aceitação. Já para a constelação de dispersão foram percebidos 8 *tweet's* no perfil do Globo Esporte e 18 comentários na publicação da narradora, com isto foram consideradas 26 postagens para esta constelação. A partir desta classificação é possível identificar que 74% dos comentários nas publicações compõem a constelação de aceitação e apenas 16% fazem parte da constelação de negação, enquanto os 10% restantes foram considerados como dispersão.

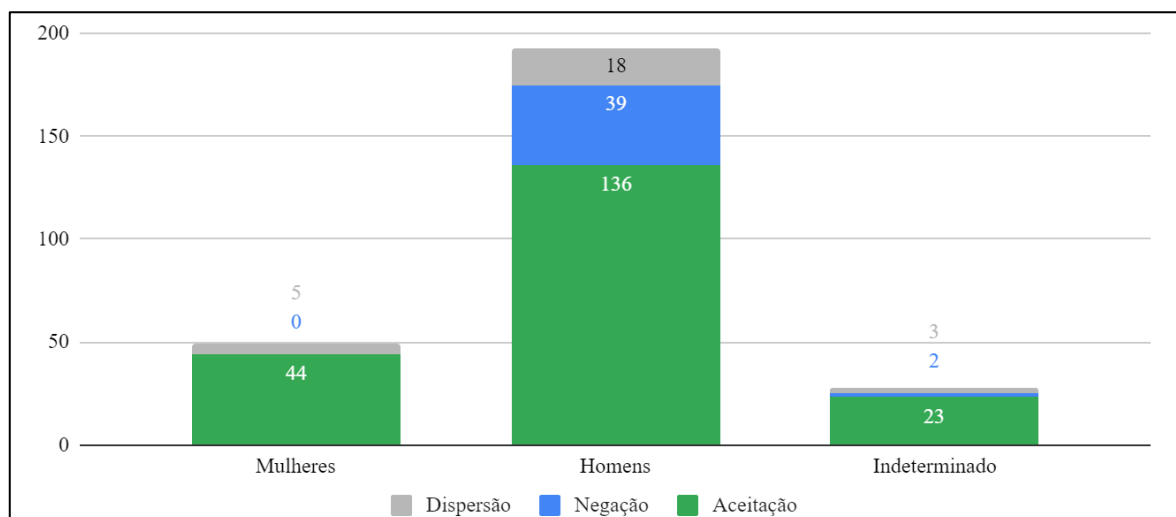
Gráfico 2 - Divisão das constelações a partir das origens dos comentários



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Quando observamos o gênero dos perfis que realizaram os comentários em ambas as postagens utilizadas para a análise, entre as 41 publicações que compõem a constelação de negação, 39 delas foram realizadas por homens. Já quanto as outras duas respostas, não foi possível identificar o gênero do autor, pois não havia indicativos no perfil da rede social digital. Na constelação de aceitação do total de 203 postagens obtivemos 44 comentários vindos de outras pessoas do gênero feminino, enquanto 136 foram publicados por indivíduos do gênero masculino, já os não identificados somam-se 23 *tweet's*. Por fim, na constelação de dispersão 18 publicações partiram do público masculino, 5 do feminino e apenas 3 não foram identificadas.

Gráfico 3 - Divisão por gênero a partir das constelações estabelecidas



Fonte: elabora pela autora (2022).

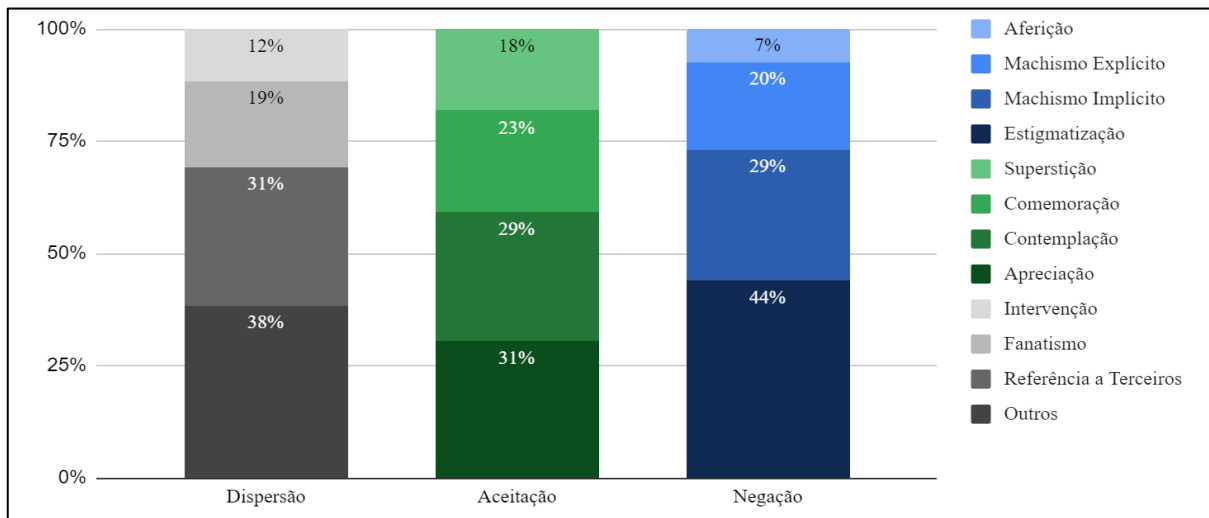
Após o mapeamento das constelações foram inferidas categorias considerando os sentidos expostos em cada uma das publicações. Na constelação de negação foram identificadas as categorias de aferição, estigmatização, machismo explícito e machismo implícito. Já as categorias de apreciação, comemoração, contemplação e superstição compõem a constelação de aceitação. Enquanto para dispersão designaram-se as categorias de fanatismo, intervenção, referência a terceiros e outros.

Figura 5 - Divisão de categorias a partir das constelações determinadas



Fonte: elaborado pela autora (2022).

As inferências são baseadas nas percepções dos telespectadores que foram estabelecidas a partir das respostas nas postagens do Globo Esporte e da Renata Silveira nas redes sociais digitais, as quais compõem o corpus da análise. Por meio desta subdivisão, foram notados que dos 41 comentários que compõem a constelação de negação, 7% são de aferição, 44% de estigmatização, 20% de machismo explícito e 29% implícito. Já em relação às 203 publicações da constelação de aceitação, 30% são de apreciação, 23% de comemoração, 29% de contemplação e 18% de superstição. Por fim, das 26 publicações classificadas como dispersão, 23% são referências a terceiros, 19% são referentes ao fanatismo, 12% são intervenções e 46% são outras manifestações que não se relacionam.

Gráfico 4 - Divisão de categorias de inferências a partir das constelações

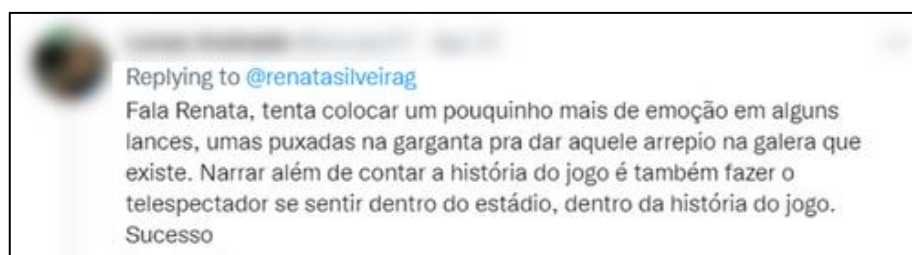
Fonte: elaborado pela autora (2022).

4.3 AS NEGAÇÕES

Nesta constelação encontram-se todas as postagens de caráter negativo que deram origem às categorias de aferição, estigmatização, machismo explícito e machismo implícito.

4.3.1 Aferição

Para esta pesquisa adotaremos o conceito de aferição como “uma avaliação da competência ou capacidade de uma pessoa através de um exame ou teste” (AFERIÇÃO, 2022), desta forma, foram classificados *tweet's* que contêm avaliações da narração de Renata Silveira e acrescentam sugestões de melhoria, conforme o exemplo a seguir.

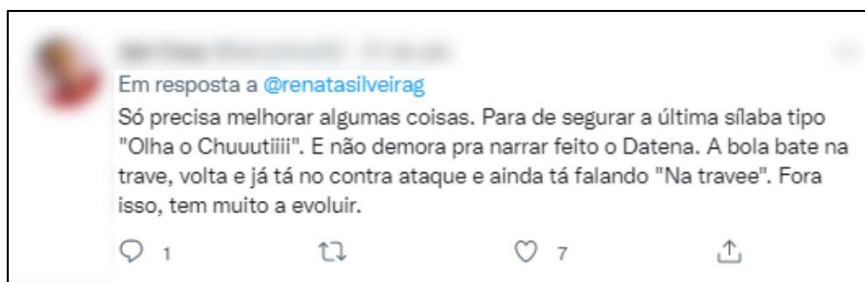
Figura 6 - Comentário opinativo da categoria de aferição

Fonte: Twitter (2022).

No *tweet* anterior o torcedor pede para que a jornalista emita mais emoção ao narrar a partida, ressaltando que é preciso arrepiar a torcida e não só contar a história do jogo. Além disto, ele cita que é preciso “umas puxadas na garganta”, uma característica presente na maioria

dos locutores masculinos, reforçando assim um estereótipo. Como segundo exemplo, outro telespectador propõe uma comparação entre a narração de Renata e do jornalista Datena.

Figura 7 - Comentário comparativo da categoria de aferição



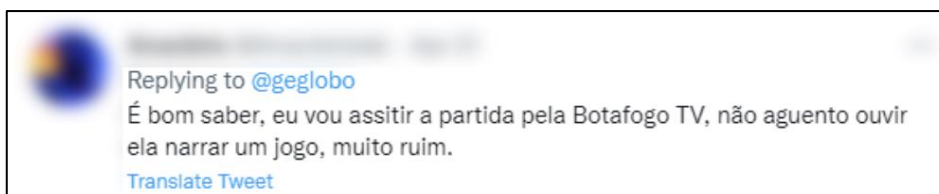
Fonte: *Twitter* (2022).

Ademais, o autor acrescenta que ela precisa melhorar algumas coisas se referindo a entonação da voz e também ao ritmo da transmissão esportiva. O que podemos perceber em ambas postagens é que os autores remetem críticas a jornalista e propõem mudanças no seu jeito de narrar a partida de futebol, porém sem qualquer embasamento teórico ou técnico, baseados apenas em suas opiniões e experiências como telespectadores.

4.3.2 Estigmatização

Como estigmatização classificamos todos os comentários que são compostos por julgamentos sobre algo ou alguém (ESTIGMA, 2022), neste caso referindo-se à locução ou à Renata, por exemplo, o *tweet* abaixo:

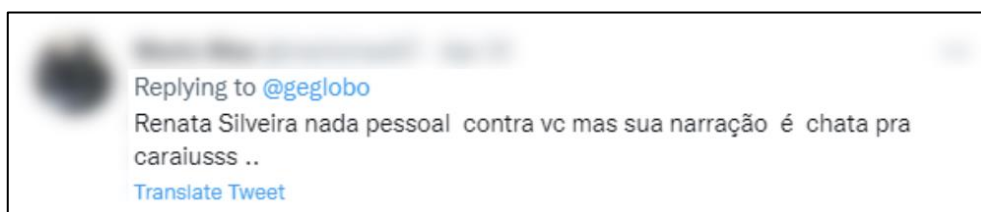
Figura 8 - Comentário de estigmatização em relação a narração de Renata Silveira



Fonte: *Twitter* (2022).

Além de classificar a transmissão da jornalista como “muito ruim”, o torcedor acrescenta que não aguenta ouvir uma locução feminina e por isso vai assistir ao jogo pelo canal do clube pelo qual ele torce. Já outros telespectadores se limitam a dizer que não é nada contra a jornalista, mas não se agradam da narração.

Figura 9 - Comentário negativo da categoria de estigmatização



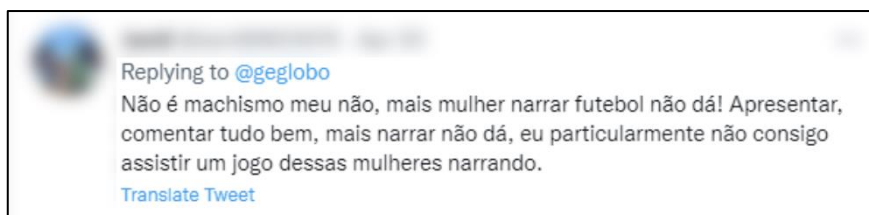
Fonte: *Twitter* (2022).

Os estigmas aqui são formados a partir da condenação do ato de narrar associado ao gênero masculino, por isso a locução feminina em um primeiro momento pode soar como “muito ruim”, “chata”, “horrível” e também “fraca”, pois o natural durante décadas em que o machismo estrutural esteve enraizado na sociedade foram homens dando voz às transmissões esportivas.

4.3.3 Machismo Explícito

Na categoria de machismo explícito foram selecionadas todas as postagens que carregavam em si preconceitos relacionados às questões de gênero, os quais favoreciam diretamente o masculino em detrimento do feminino (MOYA, 2019).

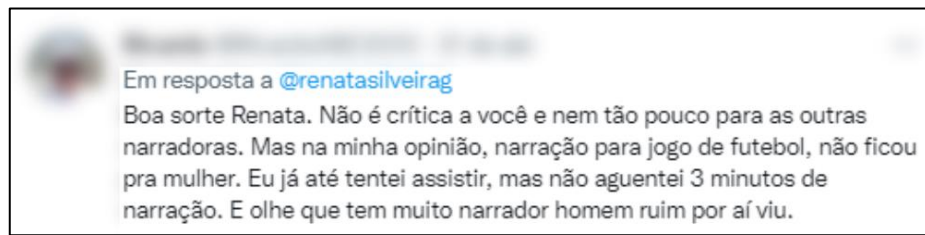
Figura 10 - Comentário negativo sobre a narração atribuído à categoria de machismo explícito



Fonte: *Twitter* (2022).

No primeiro exemplo o torcedor ressalta que não é machismo, todavia afirma que não admite mulheres na narração, apenas como apresentadoras e comentaristas, pois não consegue assistir a um jogo comandado por uma voz feminina. Enquanto outro telespectador deseja boa sorte a jornalista, porém, compactua com a opinião que narração de futebol não é para mulher e por isso não consegue assistir à transmissão. Além disto, ressalta que há outros narradores homens considerados ruins por ele, mas que ainda são aceitáveis.

Figura 11 - Comentário crítico e comparativo incorporado na categoria de machismo explícito



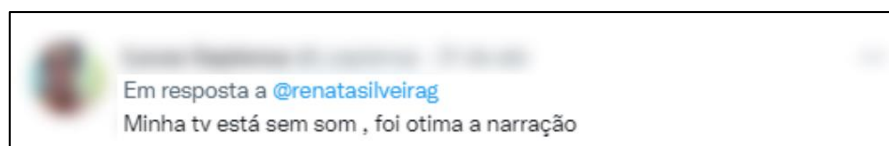
Fonte: *Twitter* (2022).

Estes comentários reforçam o machismo estrutural no qual acredita-se que o ambiente esportivo é um reduto masculino, ou seja, as mulheres não deveriam ocupar este espaço. Por muitas vezes, este preconceito é mascarado por frases como “não é machismo, mas um homem narraria melhor”, ou seja, colocando o gênero masculino à frente do feminino. É a disseminação destes pensamentos que o movimento feminista tenta evitar e desconstruir.

4.3.4 Machismo Implícito

Foram atribuídas como machismo implícito as respostas que demonstraram repúdio à estreia de Renata Silveira no comando de uma transmissão esportiva masculina, mas que não se dirigiam diretamente ao fato de ser uma mulher na narração.

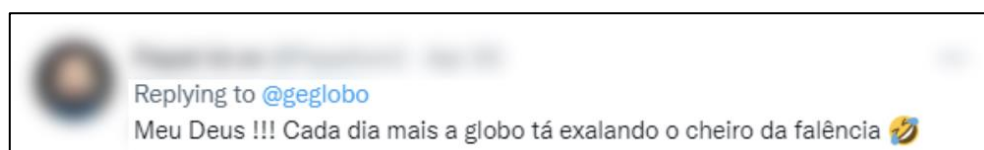
Figura 12 - Comentário irônico categorizado como machismo implícito



Fonte: *Twitter* (2022).

No exemplo anterior o autor ironiza que gostou da locução já que acompanhou a transmissão no mudo. Enquanto outros telespectadores condenam a emissora por tal atitude.

Figura 13 - Comentário negativo incorporado na categoria de machismo implícito



Fonte: *Twitter* (2022).

No *tweet* o autor supõe que a Globo perdeu audiência por colocar uma mulher à frente da jornada esportiva. Além da rejeição há um reforço de machismo implícito, pois podemos inferir que se fossem locutores homens a emissora manteria sua audiência. Neste caso o preconceito não está escancarado, mas é entendido nas entrelinhas do comentário do telespectador.

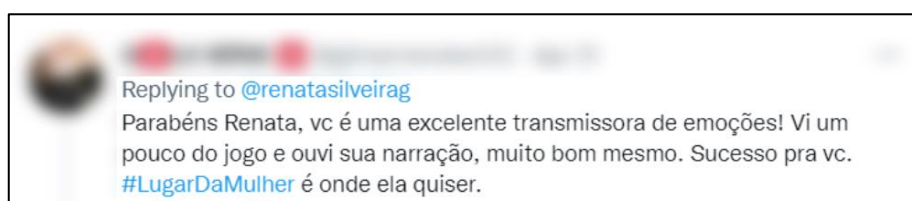
4.4 AS ACEITAÇÕES

O conjunto de *tweet's* que repercutem de forma positiva a estreia de Renata Silveira na Rede Globo são pertencentes a constelação de aceitação e foram divididos nas categorias de apreciação, comemoração, contemplação e superstição.

4.4.1 Apreciação

Adotamos o conceito de apreciação como “o ato de apreciar, avaliar a situação ou condição de algo” (APRECIACAO, 2022), por isto, enquadram-se nesta categoria as análises positivas em relação à primeira narração feminina, como elogios à narração e à própria jornalista.

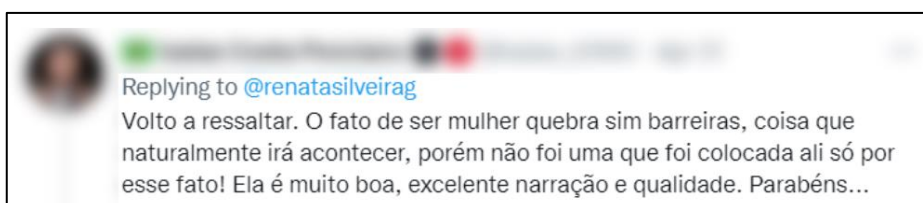
Figura 14 - Comentário de aprovação da narração categorização como apreciação



Fonte: *Twitter* (2022).

No comentário anterior o autor elogia a transmissão da jornalista desejando sucesso a ela e reforçando que o futebol também é lugar de mulher. Já um segundo telespectador entende a representatividade do acontecimento e ressalta que Renata não está ali somente para quebrar barreiras, mas também porque é uma boa locutora.

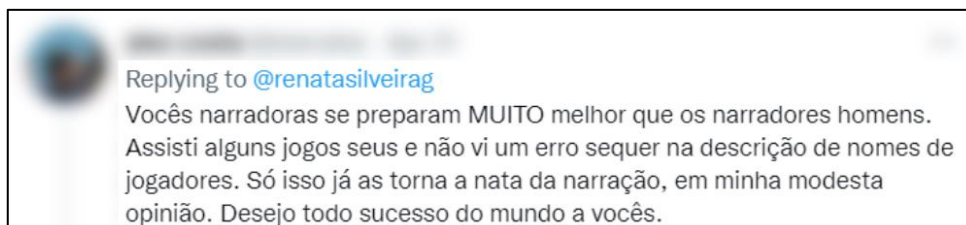
Figura 15 - Comentário com elogios à narração categorizado como apreciação



Fonte: *Twitter* (2022).

Além disto, um terceiro telespectador comenta que as mulheres se preparam melhor que os homens para as transmissões, o que evita erros de trocas de nomes e descrição de posição de jogadores, qualificando ainda mais a locução da partida.

Figura 16 - Comentário comparativo da categoria de apreciação



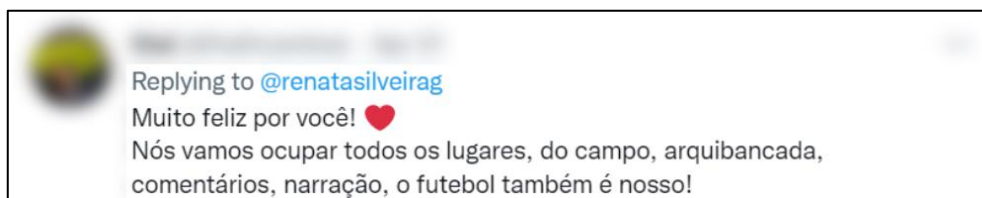
Fonte: *Twitter* (2022).

Neste conjunto de *tweet's* é perceptível que há uma análise em relação ao acontecimento, ou seja, não são apenas comentários sobre o fato ocorrido, eles carregam consigo observações e julgamentos sobre a estreia da narradora.

4.4.2 Comemoração

A comemoração indica a celebração de um evento, uma situação importante ou um acontecimento histórico (COMEMORACAO, 2022), desta maneira, esta categoria é composta pelas publicações que parabenizam e comemoram a conquista de Renata Silveira ao ser a primeira mulher a narrar uma partida de futebol masculino.

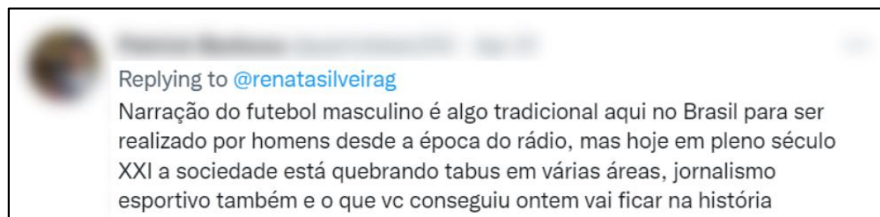
Figura 17 - Comentário de autoafirmação da categoria de comemoração



Fonte: *Twitter* (2022).

Na postagem acima a autora demonstra felicidade ao saber do acontecimento e comemora a participação feminina em diversas esferas do futebol. Entretanto, não foram só as mulheres que celebraram a estreia de Renata, outros torcedores também compreenderam a representatividade do acontecimento.

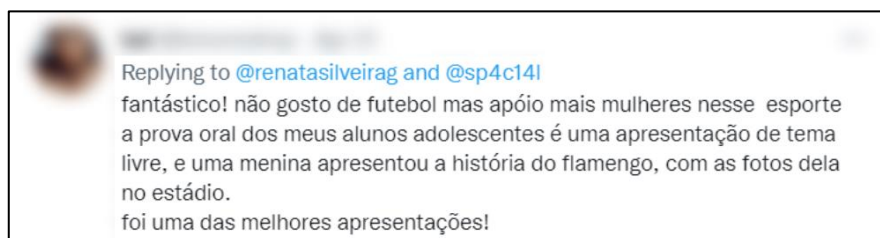
Figura 18 - Comentário comparativo da categoria de comemoração



Fonte: *Twitter* (2022).

No *tweet* o autor reconhece o fato histórico e como estas transformações na televisão brasileira são importantes reflexos para a sociedade. Afinal, a presença de mulheres em programas esportivos também serve de inspiração para outras meninas que são fãs do futebol e encontram em Renata e nas demais apresentadoras uma referência. Um exemplo foi encontrado na publicação de uma professora em resposta a jornalista.

Figura 19 - Comentário pessoal de apoio a Renata categorizado como comemoração



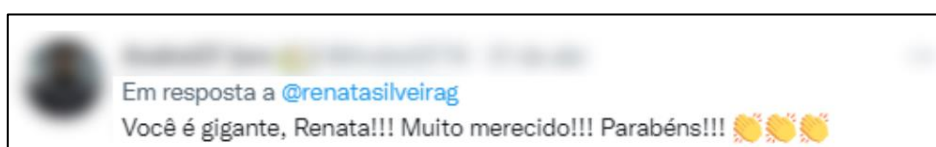
Fonte: *Twitter* (2022).

Com isto, a comemoração vai além da vitória pessoal de Renata, pois influencia outras meninas/mulheres a lutarem não só por seu espaço no ambiente esportivo, mas também para serem aceitas nele. Ademais, auxilia neste processo de reconhecimento, a qual anteriormente parecia impossível.

4.4.3 Contemplação

Para esta análise a contemplação é conceituada como o efeito de contemplar, de ter “bondade de ânimo para com alguém ou algo” no sentido de admiração (CONTEMPLACAO, 2022). Desta maneira, foram categorizadas as publicações que desejavam boa sorte e a parabenizavam pelo trabalho, demonstrando admiração pela narradora, por exemplo:

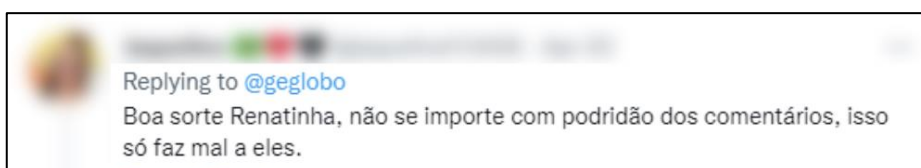
Figura 20 - Comentário de parabenização categorizado como contemplação



Fonte: *Twitter* (2022).

No mais, outra telespectadora além de desejar sorte a jornalista ressalta para que ela não se importe com os comentários maldosos (e machistas) que estão refletidos nas respostas da publicação.

Figura 21 - Comentário de incentivo a narradora incorporado na categoria de contemplação



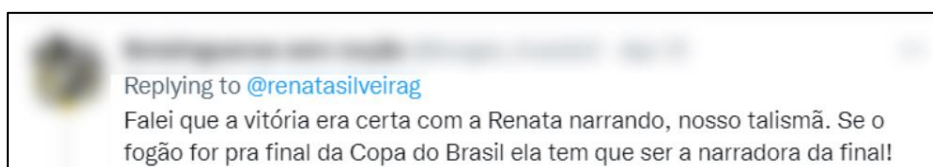
Fonte: *Twitter* (2022).

Portanto, nesta seleção de *tweet's* estão presentes não só as contemplações, mas também os incentivos para que a narração feminina siga acontecendo na televisão aberta, visto que as mulheres se mostraram capazes de ocupar esta posição.

4.4.4 Superstição

Entende-se a superstição como uma “crença sem fundamento racional e lógico que, normalmente, se baseia em situações recorrentes ou coincidências eventuais” (SUPERSTICAO, 2022). Desta maneira, são considerados superstições todos os comentários que relacionam a jornalista com a sorte ou azar aos clubes os quais ela narrou alguma partida de futebol. No caso do Botafogo de Futebol e Regatas, um dos times envolvidos no jogo em que ocorreu o fato desta análise, esta correlação se tornou mais frequente, pois o clube passou por uma série de invencibilidade nas transmissões comandadas por Renata Silveira, com isso, a torcida a classificou como “amuleto” e “pé quente” associando a boa fase também a narradora.

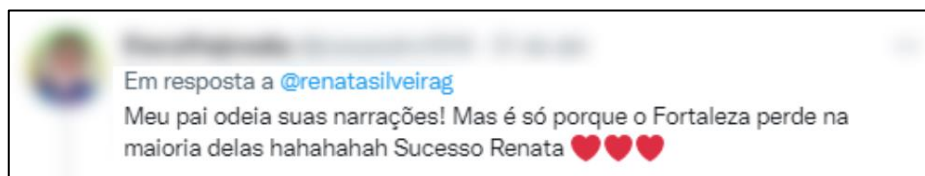
Figura 22 - Comentário do torcedor botafoguense classificado como superstição



Fonte: *Twitter* (2022).

Por outro lado, assim como há torcedores que apostam na sorte, existem outros que acreditam no azar perante a locução dela, por exemplo, o torcedor do Fortaleza Esporte Clube.

Figura 23 - Comentário do torcedor do Fortaleza identificado como superstição



Fonte: *Twitter* (2022).

Todavia, independente da classificação desta superstição como boa ou ruim, as postagens indicam uma aceitação e desejo de sucesso para que a narradora siga a sua jornada como locutora em transmissões esportivas.

4.5 DISPERSÃO

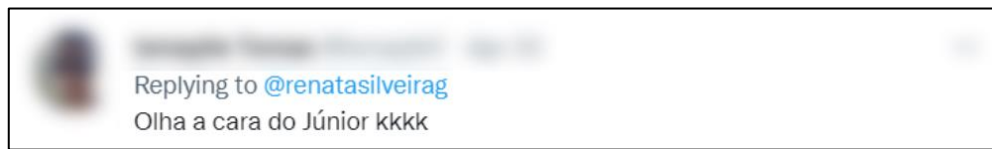
Na constelação de dispersão enquadram-se todos os *tweet's* que não dialogam diretamente com o acontecimento, ou seja, não demonstram negação e nem aceitação em relação à primeira narração de uma mulher em um campeonato de futebol masculino na televisão aberta brasileira. Estas publicações foram subdivididas nas categorias de referência a terceiros, fanatismo, intervenção e outros.

4.5.1 Referência à terceiros

Para selecionar as publicações desta categoria foram utilizados dois critérios: pessoas que apenas marcaram outras nos comentários e postagens que faziam referência a outra pessoa. No primeiro caso são respostas que denotam um tom de conversa interpessoal, ou seja, poderiam ter sido realizadas em um ambiente privado das redes sociais digitais, no caso do *Twitter* por mensagem direta, porque não se preocupam com a repercussão pública do acontecimento, apenas desejam compartilhar ele com outra pessoa.

Enquanto no segundo caso nota-se comentários em relação às outras pessoas que compunham a transmissão esportiva. Como é o caso do *tweet* a seguir, no qual o autor comenta sobre a expressão do jornalista Leovegildo Lins Gama Júnior no vídeo que mostra o momento da estreia de Renata Silveira.

Figura 24 - Comentário classificado como referência a terceiros



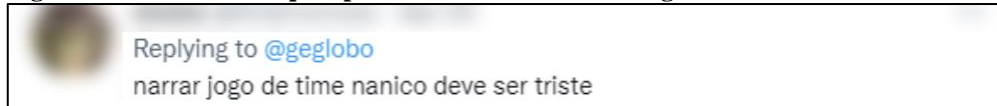
Fonte: *Twitter* (2022).

Ambos os sentidos denotados nesta categoria por se referirem a outras pessoas e não a jornalista não contribuem para análise, visto que não indicam respostas para o problema de pesquisa que está centrado no acontecimento da primeira narração feminina.

4.5.2 Fanatismo

Nesta análise o fanatismo é entendido como um excesso de admiração ou zelo cego (SCHMAELTER, 2022) em relação a alguma coisa como, por exemplo, os clubes de futebol. Por isso, os *tweet's* que compõem esta categoria estão relacionados à rivalidade dos times e torcedores de futebol que se encontram acima do acontecimento. Como exemplo a publicação abaixo em que o autor conclui que é ruim narrar jogo de “time nanico”, ou seja, há uma crítica ao Botafogo e sua representatividade no meio futebolístico, contudo não faz referência a narração.

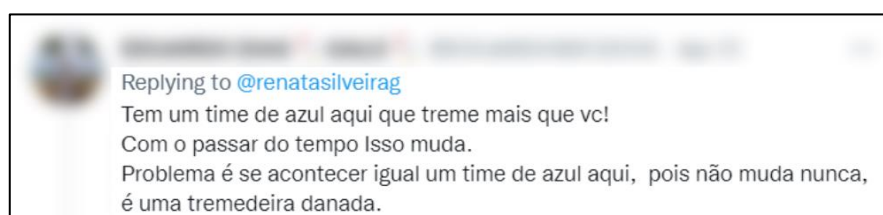
Figura 25 - Comentário que aponta uma crítica ao Botafogo classificado como fanatismo



Fonte: *Twitter* (2022).

Outro torcedor aproveita o questionamento da jornalista na publicação em que ela pergunta se dava para perceber que estava tremendo no início da transmissão para alfinetar o seu rival.

Figura 26 - Comentário de rivalidade classificado como fanatismo



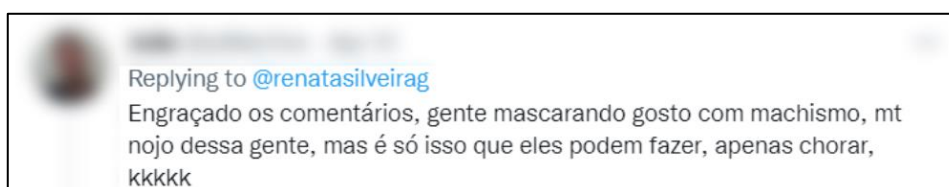
Fonte: *Twitter* (2022).

Desta maneira, as postagens não se relacionam com o acontecimento em si, elas acabam por retratar a rivalidade mediada pelo fanatismo dos torcedores que é comum no ambiente futebolístico, porém, não se conectam com o objeto da análise.

4.5.3 Intervenção

Abordamos a intervenção como “uma intercessão ou mediação em alguma situação adversa” (INTERVENCAO, 2022) referindo-se as respostas na publicação que se posicionavam contra o machismo explícito em outros comentários.

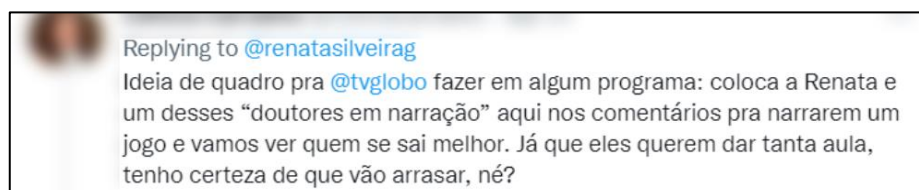
Figura 27 - Comentário crítico às outras respostas do *tweet* categorizado como intervenção



Fonte: *Twitter* (2022).

Neste exemplo o autor destaca que há *tweet's* machistas e reforça que a única ação a ser tomada por eles é esta reclamação na rede social digital, utilizando como trocadilho a palavra “chorar”. Já outra internauta sugere de forma irônica que a emissora crie um programa para que Renata Silveira e os críticos do *Twitter* compitam pela melhor narração.

Figura 28 - Comentário irônico classificado na categoria de intervenção



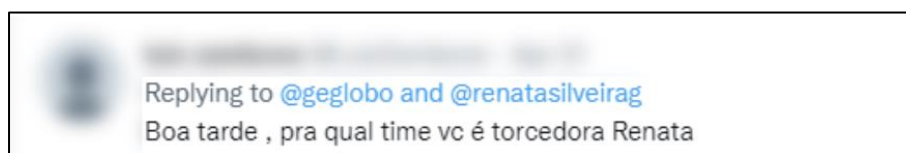
Fonte: *Twitter* (2022).

É compreensível que há um caráter de aceitação indireto nestas postagens, entretanto o que se destaca é a posição de enfrentamento ao machismo estrutural e não uma referência direta ao acontecimento aqui tratado. Desta forma, elas conversam com o capítulo três da presente pesquisa, no qual é tratado as relações entre a mídia esportiva e o movimento feminista, contudo não refletem de maneira objetiva à locução feminina.

4.5.4 Outros

Encontram-se nesta categoria todos os outros *tweet's* que não se relacionam entre si, ou seja, não se repetem. Trazemos como exemplo o questionamento de um telespectador sobre qual time a narradora torce, uma pergunta que é frequente no âmbito do jornalismo esportivo, entretanto é única no conjunto de *tweet's* analisados e retira o foco do acontecimento.

Figura 29 - Comentário de questionamento categorizado como outros



Fonte: *Twitter* (2022).

Como metodologia desta pesquisa, além da análise de construção de sentidos em redes sociais digitais também apoiam a análise de conteúdo para a definição do *corpus*. Isto implica na desqualificação destas publicações visto que para esta metodologia em unidades que não há repetição a análise não é pertinente devido à ausência da frequência por parâmetro. Desta forma, estes *tweet's* não agregam para a construção da resposta do problema de pesquisa.

4.6 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Diante da conceituação que o jornalismo é uma instância generificada (LOURO, 1997) e segue os padrões normativos sociais (SILVA, 2010) é compreensível que quando uma mulher rompe a experiência cotidiana (FRANÇA; LOPES, 2017) ao narrar uma partida de futebol masculino, na qual geralmente homens são protagonistas, ela proporciona um novo acontecimento. Com o advento das redes sociais digitais este acontecimento se potencializa por meio da conversação em rede (RECUERO, 2013) e torna-se um ciberacontecimento devido sua alta conectividade e facilidade de compartilhamento (DILL, SILVA, PASUCH, OLIVEIRA, 2021). Este poder de alcance é facilitado pela interatividade, a qual antes das tecnologias digitais era restrita e não viabilizava as audiências ativas (JESUS, 2020). Utilizamos destas audiências que por meio da segunda tela (FINGER; SOUZA, 2012) conectada à internet realizam comentários no *Twitter* para estabelecer o corpus que compõe esta análise.

Entretanto, antes de adentrarmos nos resultados da pesquisa é preciso compreender como este acontecimento – a estreia de Renata Silveira na Rede Globo – se formula metodologicamente diante dos apontamentos de França e Lopes (2017). Para as autoras uma das melhores formas de interpretar o significado de um acontecimento é individualizá-lo. Diante deste aspecto, este acontecimento é justificado porque o comum desde o início das transmissões esportivas no Brasil era a narração masculina, desta forma, quando a voz de uma mulher conquista este espaço ela rompe o senso comum e torna-se um fato único perante os demais. Além disto, as autoras também pontuam algumas fases pelas quais o acontecimento perpassa desde o ato inicial até o final, são elas a descrição, narrativização, identificação, caracterização e a normalização (FRANÇA; LOPES, 2017).

A primeira fase é caracterizada pela descrição do momento a partir das interferências de categorização da mídia e da sociedade (FRANÇA; LOPES, 2017). No caso da narração feminina ela se caracteriza como uma novidade que parte de um fato que é capacitado por valores notícia na visão midiática e foi disseminado na sociedade a partir dela como algo novo e inusitado. A segunda fase chamada de narrativização é a articulação dos momentos e a identificação dos agentes para compreendermos o ponto de início da história e quem faz parte dela (FRANÇA; LOPES, 2017).

Como início podemos considerar o momento em que foi divulgado a narração feminina, enquanto seus agentes, é possível atribuir a emissora que propiciou o acontecimento, a jornalista e os telespectadores afetados por ele. Já na fase de identificação trabalhamos com a experiência, ou seja, como o acontecimento foi percebido pelos indivíduos (FRANÇA; LOPES, 2017). No contexto desta pesquisa trata-se da recepção dos telespectadores e quais ações ou reações a estreia de Renata Silveira na TV Globo provocou neles. Considerando que esta percepção é avaliada a partir de comentários realizados nas redes sociais digitais, temos não somente uma ação ou reação do público, mas também a geração de um ciberacontecimento por meio da potencialização do acontecimento no ciberespaço.

A quarta fase é a caracterização de um problema público que de alguma maneira afeta a sociedade, “trata-se do reconhecimento oficial de que aquele acontecimento específico se inscreve numa categoria mais ampla que atinge/prejudica a sociedade como um todo e deve ser alvo de tratamento e combate especiais” (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 84). Desta forma, não é aplicado à pesquisa em questão. Por fim, temos a normalização que é a última fase de um acontecimento e se caracteriza como “a observação daquele momento em que a curva de interesse e mobilização em torno do acontecimento desce, o estranhamento que ele provocou é reduzido ou esquecido e a normalidade readquire seu ritmo” (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 84).

Neste aspecto a narração feminina ainda causa estranhamento, principalmente, quando se trata da transmissão de jogos de futebol masculino, visto que o público está acostumado com a voz masculina, diante disso, a normalização é o próximo passo para a conclusão deste acontecimento. Após a afirmação do acontecimento, partimos para a análise do conjunto de *tweet*, na qual é possível inferir que as percepções dos telespectadores da primeira narração feminina na televisão aberta de uma competição masculina de futebol se manifestaram de diferentes maneiras no *Twitter*. Os dados analisados constam no Apêndice A.

Com isto, foram divididas em três constelações: a aceitação, destinada àqueles que comemoraram e contemplaram o acontecimento, a negação, para aqueles que estigmatizaram e utilizaram do machismo como argumento, e por fim, a dispersão, reunindo as publicações que

não se referiam diretamente ao acontecimento tratado aqui como objeto da pesquisa e por isso não foram consideradas para a discussão de resultados apesar de classificadas. Nas manifestações encontradas destaca-se com 75% a constelação de aceitação, ou seja, a maioria dos telespectadores que expressaram sua percepção por meio da interatividade nas redes sociais digitais receberam de forma positiva a primeira narração feminina da história da televisão aberta brasileira.

Dentre as aceitações a maior representatividade foi de apreciação (31%) ao trabalho de Renata com análises positivas da sua narração, o que eleva a posição feminina no jornalismo esportivo passando da intermediação (BUENO, 2018) para a figura central. Além disso, houveram telespectadores (29%) que contemplaram a transmissão enaltecendo as potencialidades da narradora, enquanto outros 23% comemoram sua conquista histórica para a representatividade feminina no futebol, visto que por quase 40 anos as mulheres foram proibidas até de praticarem o esporte. Por fim, as publicações positivas restantes (18%) contemplam os torcedores botafoguenses que usaram da superstição, visto que ela já havia transmitido outras partidas do clube e eles não perderam estes jogos, para demonstrar apoio a jornalista.

Apesar da predominância da aceitação, se faz necessário abordar também a constelação de negação que representou 15% dos comentários totais. Mesmo com baixa representatividade, nesta constelação foi notável a existência do machismo estrutural (explícito ou implícito) nas respostas, considerando que 95% dos *tweet's* negativos foram postados por homens. Ademais, destas publicações 49% foram classificadas como machismo, 29% implícito e 20% explícito, reforçando que ainda há preconceitos da sociedade em relação à presença feminina no ambiente esportivo.

Houveram também respostas masculinas que criticavam a narração da jornalista sem nenhum embasamento técnico, apontando erros e sugestões de melhorias conforme consideravam correto em comparação a outros narradores do sexo masculino. Isto reflete as dificuldades que as mulheres sempre encontraram em distintos ambientes sociais, nos quais precisam comprovar suas habilidades e conhecimentos e no futebol não é diferente (BUENO, 2018), como comentou Renata Silveira em entrevista ao Jornal Estadão:

Com certeza, temos que nos preparar o dobro, os narradores erram, trocam nome de jogador e é normal, mesmo que corrija logo sempre vem alguém falar. Não tem tempo para errar. O homem quando erra se enganou, a mulher quando erra é porque ela é burra (BONELLI, 2022, n. p.).

Em contrapartida ao machismo estrutural refletido na sociedade, os homens também foram destaque nas postagens de aceitação em relação a narração de Renata Silveira

representando 67% do total de comentários. A justificativa para o gênero liderar a participação em ambas constelações também está relacionada ao público para qual a modalidade esportiva foi dedicada culturalmente durante décadas. Desta forma, eles possuem maior convicção não só para assistir aos jogos de futebol, mas também para interagir em assuntos relacionados ao tema. Enquanto as mulheres, que aos poucos estão conquistando seu espaço nas arquibancadas dos estádios, nos clubes de futebol e na imprensa esportiva, não demonstraram negação em relação à transmissão comandada pela jornalista, por outro lado compuseram 22% da constelação de aceitação. A diferença é que a aceitação feminina vai além do ato de aceitar, muitas delas comemoraram esta conquista junto à Renata, pois cada vitória neste ambiente machista abre portas para diversas outras vozes femininas ecoarem.

Os dados positivos encontrados em relação a aceitação da narração feminina podem estar relacionados tanto a maior representatividade na imprensa esportiva, quanto ao avanço do movimento feminista que promove uma maior receptividade no público, ambos tópicos abordados no capítulo três do presente trabalho no qual nos dedicamos a explicar as relações entre mulher, mídia e futebol. Além disto, é preciso considerar que apesar das redes sociais digitais terem se tornado um palco para a interatividade e geração de opiniões, como vimos no segundo capítulo, ela é limitada à internet e aos usuários dela, ou seja, não contempla opiniões verbalizadas fora do ciberespaço.

Desta maneira, não podemos desconsiderar o machismo que está presente na sociedade brasileira dentro e fora do ambiente virtual, mas é possível notar uma evolução se compararmos com os primórdios do futebol no Brasil em que as mulheres foram proibidas de praticá-lo e também o início da televisão em que elas não ocupavam os programas esportivos nem por trás das câmeras. Depois de diversas jornalistas trilharem este caminho e serem pioneiras no meio esportivo, como Marilene Dabus, Zuleide Ranieri, Monika Leitão, Mylena Ciribelli, Glenda Kozlowski e tantas outras citadas neste trabalho, hoje as mulheres apresentam, reportam, comentam, analisam e narram partidas de futebol feminino e masculino servindo de exemplo para as futuras gerações.

Com um passo de cada vez o futuro das mulheres no jornalismo esportivo é promissor, não apenas para Renata Silveira que está escalada para narrar os jogos da Copa do Mundo de Futebol Masculino no Catar em 2022 pela Rede Globo e fará novamente história na televisão brasileira a ser a primeira mulher a realizar uma locução de uma partida do campeonato mundial em canal aberto, mas para todas as mulheres que também possuem esse objetivo. Porém em entrevista ao Jornal Estadão a narradora comenta que não gostaria de ser a pioneira:

É muito legal, fico feliz com a conquista, mas não gostaria de ser a primeira. Queria que outras mulheres já tivessem conquistado isso até porque estaria hoje muito mais tranquila para ocupar esse espaço. É uma responsabilidade muito grande ser a primeira (BONELLI, 2022).

Todavia, é por meio do pioneirismo de Renata que portas começarão a abrir para outras vozes femininas também conquistarem seu espaço na narração, seja na TV Globo, na TV Bandeirantes, no SBT ou onde elas desejarem. Afinal, elas já estão por aí em canais alternativos como nas rádios no interior do país e no *YouTube*, mas também merecem o seu lugar de destaque nos principais veículos midiáticos do Brasil. O desejo é que a voz feminina não soe mais estranha aos ouvidos do público, que ela não seja mais um acontecimento histórico ou vire notícia, pois quando isto acontecer é porque não temos somente a aceitação dos telespectadores ou ouvintes, mas também a normalização do fato. Ou seja, sonhamos com o dia em que escutar a narração de uma partida de futebol na voz de uma mulher seja comum, assim como hoje acontece com os homens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender quais foram as mobilizações expressadas pelos torcedores nas redes sociais por meio da interatividade no *Twitter* diante da primeira narração feminina de um campeonato de futebol masculino na televisão aberta. É preciso ressaltar que o resultado desta análise está baseado nos comentários das duas publicações (do Globo Esporte e da Renata Silveira) selecionadas como *corpus* desta pesquisa, ou seja, não se pretende considerar válidas as afirmações aqui contidas para todas as postagens realizadas nas redes sociais digitais. Além disto, devemos considerar que a pesquisa está fundamentada no ciberespaço, o qual reflete somente as percepções da sociedade no ambiente digital intermediadas pela tecnologia.

Em um primeiro momento abordamos o contexto histórico dos veículos de comunicação para compreender as relações entre mídia e esporte, ligadas, principalmente, à televisão que desde seu início no Brasil já continha o esporte em sua programação (GASPARINO, 2013). A partir da história do meio comunicacional é possível entender como a TV Globo, responsável pela transmissão que é o objeto desta pesquisa, se estabeleceu como a principal emissora do país (JAMBEIRO, 2002), potencializando o alcance do acontecimento aqui tratado. Além da representatividade midiática do grupo empresarial, outro fator que auxiliou no processo de visibilidade do acontecimento foi a interatividade comunicativa (ROST, 2014) em que os telespectadores conectados à internet por meio de uma segunda tela (FINGER; SOUZA, 2012) redigiram sua percepção nas redes sociais digitais, tornando a estreia de Renata Silveira na televisão aberta em um ciberacontecimento (HENN, 2013), que iniciou no ambiente *offline* mas ganhou novas proporções ao permear pelo espaço virtual.

A seguir traçamos como as mulheres conquistaram o seu espaço no jornalismo esportivo, abraçando todas as pioneiras desde a primeira repórter da editoria até a narradora Renata Silveira e relacionando com os avanços do movimento feminista. Neste capítulo foi possível verificar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para alcançar posições de destaque na sociedade, ainda mais na imprensa esportiva, um local em que a masculinidade é exacerbada (NASCIMENTO; CHAVES, 2021).

Entretanto, o prejulgamento do conhecimento feminino e os questionamentos em torno da figura da mulher não é uma exclusividade apenas da editoria de esportes, pois o jornalismo como uma das instâncias classificadas como generificadas (LOURO, 1997) pode ser considerado como do gênero masculino (SILVA, 2010), visto que desde a produção da notícia até a hierarquização das matérias são atravessadas pelas relações de gênero favorecendo o

masculino em detrimento do feminino. Contudo, nota-se pequenas transformações em relação a este contexto histórico que são atribuídas as pressões sociais realizadas na internet com avanço de movimentos como o ciberativismo, o qual prolonga as pautas feministas para além do espaço “real” (FONSECA; CARDOSO, 2018) ganhando novas formas e maior mobilização nas redes sociais digitais por meio de *hashtags*.

No último capítulo foi realizada a análise a partir da compreensão da estreia de Renata Silveira na Rede Globo como um ciberacontecimento dividiu-se o *corpus* encontrado em três constelações com base na metodologia de análise de construção de sentidos em redes sociais digitais. O resultado mostrou que 75% das publicações foram classificadas na constelação de *aceitação*, ou seja, manifestaram-se positivamente sobre a narração. No mais, 15% do *corpus* foram identificados sentidos *negação* e 10% de *dispersão*, em comentários que rejeitavam a locução feminina ou não se referiam a ela.

Avançando na percepção dos sentidos foram criadas as categorias de *apreciação*, *comemoração*, *contemplação e superstição* para os comentários classificados como positivos; *aferição*, *estigmatização*, *machismo explícito e implícito* para as postagens de viés negativo; e, por fim, *referência a terceiros*, *fanatismo*, *intervenção e outros* para as publicações de dispersão. Dentre as categorias classificadas como positivas a de *apreciação* obteve a maior quantidade de respostas, representando 31% do total da constelação. Já quando tratamos das negativas o destaque é a *estigmatização* com 44%, seguida do *machismo implícito* que estava presente em 29% das postagens da constelação de negação. Desta maneira, entende-se que houve uma aceitação da narração feminina por parte do público das redes sociais digitais, porém, ainda há disseminação de preconceitos através do machismo, seja de forma explícita ou implícita, o qual deve ser combatido.

Esta pesquisa buscou reforçar a importância dos movimentos feministas para as conquistas das mulheres e como as pressões sociais no ambiente digital potencializam as mobilizações por meio de ciberacontecimentos. Acredita-se também que este é um primeiro passo em relação à compreensão dos sentidos mobilizados pelas narrações femininas, entretanto, cabe avaliar futuramente esta e outras narrações por meio dos estudos de recepção com aplicação de questionário às pessoas que assistiram a transmissão com o objetivo de complementar a análise aqui realizada. Como soa a voz feminina diante do público? Quais as diferenças percebidas entre os narradores e as narradoras? A percepção é semelhante às narrações masculinas?

Ademais, para trabalhos futuros, é possível ampliar as interpretações dos resultados alcançados por meio da análise do público dos dois perfis que serviram como *corpus* nesta

pesquisa, buscando compreender suas semelhanças e diferenças, as quais influenciaram para os sentidos percebidos e analisados.

Além disto, diante do estado da arte da pesquisa foi notado que há poucas contribuições sobre o tema até por ser um assunto relativamente novo visto que Renata Silveira foi pioneira em narrações femininas na televisão aberta. Com isto, há potencial para futuras investigações sobre a narração feminina, assim como, trabalhos em torno da presença de mulheres no jornalismo esportivo.

Por fim, destaca-se que os resultados obtidos nesta pesquisa foram positivos em relação ao esperado conforme o contexto histórico referente à sociedade machista estrutural, mas ainda há muito o que evoluir em torno das relações de gênero. Visto que até mesmo as críticas estabelecidas para narradores homens são diferentes, pois tratam mais das caricaturas que eles utilizam para locução do que da técnica, enquanto a Renata Silveira, a partir dos *tweet's* analisados, é criticada desde a forma como narra um gol até a sua falta emoção.

Apesar disso, há perspectivas de uma constante evolução da presença feminina no ambiente esportivo, até mesmo a partir da inclusão de campeonatos femininos de futebol na programação dos canais abertos de televisão, como foi o caso da final do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino de 2022. Ambos jogos do confronto entre Sport Club Corinthians Paulista e Sport Club Internacional bateram recorde de público nos estádios e foram transmitidos pela Rede Globo. Com isso, acredita-se que as mulheres poderão conquistar um maior reconhecimento no cenário do futebol, tanto de patrocinadores, clubes e entidades federativas, quanto da imprensa, assim como o futebol masculino já possui. Dessa forma, não devia haver diferenças entre homens e mulheres, ou seja, ambos deveriam ocupar as mesmas posições não só no jornalismo esportivo, mas também no mercado de trabalho e na sociedade brasileira como um todo. E assim, transformar a voz feminina digna não só de aceitação, mas também de reconhecimento, sem soar como desconforto ou algo novo.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA do craque Enrico Cabrito que jogaria no Grêmio. **Espaço Vital**, 2012
Disponível em: <https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/100334333/a-historia-do-craque-enrico-cabrito-que-jogaria-no-gremio>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- AFERIÇÃO. In: SIGNIFICADOS, Dicionário Online de Português. [S.l]: 7Graus, 2022.
Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/afericao/>>. Acesso em: 12 set. 2022.
- APRECIÇÃO. In: SIGNIFICADOS, Dicionário Online de Português. [S.l]: 7Graus, 2022.
Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/apreciacao/>>. Acesso em: 12 set. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2002.**
- BARDUSCO, Gabriela. A representatividade de Renata Silveira: Sei da responsabilidade que o cargo exige, é uma conquista para todas as mulheres. **Globo**, 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2021/03/representatividade-de-renata-silveira-sei-da-responsabilidade-que-o-cargo-exige-e-uma-conquista-para-todas-mulheres.html>. Acesso em: 09 nov. 2021.
- BENETTI, Marcia. Os leitores como comunidade discursiva. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 17, n. 1, p. 182-193, 18 jun. 2020.
- BITTENCOURT, Maria Clara Aquino; GONZATTI, Christian. Análise de construção de sentido em redes digitais: a política das diferenças no caso da rede ninja de opinião. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 19, n. 39, p. 1-17, 06 fev. 2018.
- BOECKEL, Cristina. Rio recebeu 1,17 milhão de turistas na Olimpíada; 410 mil são do exterior. **Portal G1**, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/prefeitura-faz-balanco-da-olimpiada-e-paes-diz-que-o-rio-calou-criticos.html>. Acesso em: 03 jul. 2022.
- BONELLI, Paula. “Não gostaria de ser a primeira a narrar Copa na TV aberta”, afirma Renata Silveira. **Estadão**, 2022. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/nao-gostaria-de-ser-a-primeira-a-narrar-copa-na-tv-aberta-afirma-renata-silveira/>. Acesso em: 15 set. 2022.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 15 jul. 2022.
- BUENO, Noemi Correa. **A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal**. 408 f. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, 2018.
- CAZARRÉ, Marieta. A “quarta onda do feminismo” nasce em 2015. **Revista Brasileiros**. São Paulo, [S. v.], [s. n.], 2016. Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2016/01/quarta-onda-feminismo-nasceem-2015>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COMEMORACAO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. [S.l.]: 7Graus, 2022. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/comemoracao/>>. Acesso em: 12 set. 2022.

COMO A COPA do Mundo pode impactar seus investimentos: Catar prevê US\$ 220 bilhões para realizar a Copa em novembro, o maior valor de toda a história. **Estadão**, 2022a. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/investimentos/como-copa-mundo-impacta-investimentos>. Acesso em: 03 jul. 2022

CONTEMPLACAO. In: Michaelis, Dicionário Online de Português. [S. l.]: Editora Melhoramentos Ltda., 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=18qY>>. Acesso em: 13 set. 2022.

COPA DO BRASIL termina com a segunda maior média de público na história dos Mundiais. **Super Esporte**, 2014. Disponível em: <https://www.pe.superesportes.com.br/app/18,625/2014/07/13/interna-noticia,31258/copa-do-brasil-termina-com-a-segunda-maior-media-de-publico-na-historia-dos-mundiais.shtml>. Acesso em: 03 jul. 2022.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no Jornalismo Esportivo**. 2015. 99 f. Dissertação (Graduação) - Curso de Jornalismo, Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DEIXAELATRALHAR: jornalistas lançam manifesto em defesa do trabalho das mulheres no esporte. **Uol**, 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>. Acesso em: 24 jul. 2022.

DIAZ, Liz Ribeiro. **Masculino, o gênero do jornalismo?** O tensionamento entre a representação da mulher na mídia tradicional e o movimento feminista em redes sociais digitais. 2019. 144 f. Dissertação (Graduação) - Curso de Jornalismo, Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

DILL, Carolina Zanette *et al.* Jornalismo, redes sociais e cibercontecimento: o caso do "custo Bolsonaro". In: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO, 21, 2021. **Anais [...]** Congresso. Virtual: Intercom, 2021. p. 1-15.

DILMA ROUSSEFF é a primeira mulher eleita presidente do Brasil. **Portal G1**, 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-rousseff-e-primeira-mulher-eleita-presidente-do-brasil.html>. Acesso em: 09 nov. 2021.

EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; CAVENAGHI, Beatriz. Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 2-9, 25 jul. 2017.

ESTIGMA. In: Priberam, Dicionário online de Português. [S. l.]: Priberam Informática, 2022. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/estigmatiza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 12 set. 2022.

FELIPPE, Marina. Unilever: depois de bater meta em gênero, desafio é refletir a sociedade. **Exame**, 2021. Disponível em: <https://exame.com/negocios/unilever-depois-de-bater-meta-em-genero-desafio-e-refletir-a-sociedade/>. Acesso em: 09 nov. 2021.

FIFA THE BEST: Marta é eleita melhor jogadora do mundo pela sexta vez. **Globo Esporte**, 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/fifa-the-best-marta-e-eleita-melhor-jogadora-do-mundo.ghtml>. Acessado em: 14 jul. 2022.

FINGER, Cristiane; SOUZA, Fábio Canatta de. Uma nova forma de ver TV no sofá ou em qualquer lugar. **Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 2, n. 19, p. 373-389, ago. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12320/8260>. Acesso em: 13 ago. 2022.

FONSECA, Ingradi Iramaia Alves; CARDOSO, Fernando da Silva. Ciberativismo, empoderamento feminino e novas dinâmicas de enfrentamento à violência de gênero contra à mulher. **Revista Eletrônica Direito e Sociedade - Redes**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 133, 29 maio 2018.

FRANÇA, Vera Veiga; LOPES, Suzana Cunha. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 71-87, set/dez 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/138820>. Acesso em: 02 jul. 2022.

FREITAS, Bruno; MONTAGNANA, Laís; CARNEIRO, Leandro. Intrusas no gramado. **Uol**, 2016. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 08 nov. 2021.

GASPARINO, Henrique. **Estudo da Transmissão Esportiva na Televisão Brasileira**. 2013. 75 f. Dissertação (Graduação) - Curso de Jornalismo, Comunicação Social, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZATTI, Christian. **Pode um LGBTQIA+ ser super-herói no Brasil?** Ciberacontecimentos pop e guerra semiótica sobre gênero e sexualidade na cultura nerd. 2022. 320 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, 2022.

HENN, Ronaldo Cesar. Apontamentos sobre o ciberacontecimento: o caso Amanda Tood. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22, 2013, Salvador. **Anais [...]** Salvador: Galoá, 2013. p. 1-17.

HENN, Ronaldo Cesar. **El ciberacontecimiento: producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

HENN, Ronaldo Cesar. Seis categorias para o ciberacontecimento. In: NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; SILVA, Alexandre Rocha da (org.). **Semiótica da Comunicação II**. São Paulo: Intercom, 2015. p. 206-227.

HENN, Ronaldo Cesar; GONZATTI, Christian; ESMITIZ, Francielli. Pussy made of steel: os sentidos inaugurados por um cartaz da Women's March na página Supergirl Brasil. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 401-414, set./dez. 2017.

HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: BENETTI, Marcia Machado; LAGO, Claudia. (Org.). **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**. Porto Alegre: desconhecido, 2005.

INTERVENÇÃO. In SIGNIFICADOS, Dicionário Online de Português. [S. l.]: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/intervencao/>>. Acesso em: 14 set. 2022.

ISABELA SCALABRINI. **Memórias Globo**, 2021a. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/isabela-scalabrini/noticia/isabela-scalabrini.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ITO, Carol. Narração de futebol é coisa de mulher. **Revista Trip**, 2018. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/mulheres-pioneiras-na-narracao-de-futebol-na-copa-do-mundo-falam-sobre-os-desafios-da-carreira>. Acesso em: 08 nov. 2021.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: EDUFBA, 2002.

JESUS, Rosane Martins de. **Audiência constelacional: uma análise processual da audiência de telejornais em fanpages no site Facebook**. 2020. 312 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, 2020.

LAPORTA, Taís. Olimpíadas Tóquio 2021: de patrocínio a medalhas, os bilhões gastos na pandemia. **Investnews**, 2021. Disponível em: <https://investnews.com.br/negocios/olimpiadas-2021-toquio-bilhoes-gastos-pandemia/>. Acesso em: 03 jul. 2022.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7, 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Alcar, 2019. p. 1-18.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHISMO. In: O machismo é um preconceito, expresso por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direitos entre os gêneros: <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>. Acesso em 12/09/2022.

MARCON, Paola. A televisão no contexto de novas mídias: convergências e engajamento do público no Masterchef Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1-15.

MARILENE DABUS, primeira mulher a cobrir futebol no Brasil, morre aos 80 anos. **Globo Esporte**, 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/marilene-dabus-primeira-mulher-a-cobrir-futebol-no-brasil-morre-aos-80-anos.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2021.

MATOS, Marlise. Movimento e Teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global? **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, 2010.

MONIKA LEITÃO. **Memórias Globo**, 2021b. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/monika-leitao/noticia/monika-leitao.ghtml>. Acesso em: 20 de jul. 2022.

MOTTA, Bruno Gouveia. **Narração de futebol no Brasil em rádio e TV**. 2012. 50 f. Dissertação (Graduação) - Curso de Jornalismo, Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NASCIMENTO, Fernanda; CHAVES, Leslie Sedrez. Donas do placar: uma experiência de radiojornalismo esportivo com o protagonismo das mulheres. **Revista diversidade e educação**, v. 8, n. 2, p. 513-526, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11588> Acesso em: 24 jul. 2022.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; OSÓRIO, Moreno Cruz; HENN, Ronaldo Cesar. Agir cartográfico: proposta teórico-metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28, 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Galoá, 2019. p. 1-20.

PEREIRA, Carolina Cardoso. **Ciberativismo e Empoderamento Feminino Através do Movimento #MexeuComUmaMexeuComTodas**. 2017. 67 f. Dissertação (Graduação) - Curso de Publicidade e Propaganda, Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PEREIRA, Mariana. Renata Silveira quebra tabu de 56 anos e é a primeira mulher a narrar na Globo. **Dibradoras**, 2022. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2022/02/09/renata-silveira-quebra-tabu-de-56-anos-e-e-a-primeira-mulher-a-narrar-na-globo/>. Acesso em: 22 jun. 2022.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, 2010.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 118-146.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2 ed. Editora Feevale, 2013.

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: Eduardo Vizer. (Org.). **Lo que McLuhan no previô**. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012, v. 1, p. 205-223.

RECUERO, Raquel. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: Alex Primo. (Org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-70.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #tamojuntodilma e #calaabocadilma. **Fronteiras Estudos Midiáticos**, Canoas, v. 16, n. 2, p. 60-77, 2 set. 2014.

RENATA SILVEIRA EXPÕE ofensa machista de torcedor e rebate: Gasolina pra mim. **Uol**, 2021a. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/renata-silveira-expoe-ofensa-machista-de-torcedor-e-rebate-gasolina-pra-mim-55543>. Acesso em: 04 jul. 2022.

RENATA SILVEIRA já tem data para estreiar no futebol masculino transmitido pela TV Globo. **Lance**, 2021. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/renata-silveira-ja-tem-data-para-estreiar-no-futebol-masculino-transmitido-pela-tv-globo.html>. Acesso em: 30 ago. 2022.

RENATA SILVEIRA se despede do Fox Sports e brinca: 'Mãe, tô na Globo'... - Veja mais em <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/12/07/renata-silveira-fox-sports-globo.htm?cmpid=copiaecola>. **Uol**, 2020c. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/12/07/renata-silveira-fox-sports-globo.htm>. Acesso em: 15 jul. 2022.

RIZZO, Marcel. Globo define equipe para estreia de Renata Silveira no futebol masculino. **Uol**, 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/marcel-rizzo/2022/04/15/globo-define-equipe-para-estreia-de-renata-silveira-futebol-masculino.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ROST, Alejandro. Interatividade: definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: as 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Labcom Communication e Arts, 2014. Cap. 3. p. 53-88. Tradução de: Aba Albuquerque. Disponível em: <https://labcom.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SÁ, Juliana. Decreto-lei que proibiu a prática do futebol feminino completa 80 anos. **Globo**, 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml>. Acesso em: 04 jul. 2022.

SCHWARTSMANN, Maria Fernanda. Quem é Renata Silveira, primeira narradora da história da Rede Globo? **Goal**, 2022. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quem-e-renata-silveira-primeira-narradora-da-historia-da/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

SIDÃO É ELEITO "Craque do Jogo" com 90% dos votos, e troféu gera climão. **Uol**, 2019. Disponível em: <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2019/05/12/sidao-e-eleito-craque-do-jogo-com-90-dos-votos-e-trofeu-gera-climao/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

SILVA, Marcia Veiga da. Masculino, **O Gênero do Jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Informação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SIQUEIRA, Ilana Teresa Novello. **O twitter como instrumento auxiliar de interatividade na TV aberta**: uma aplicação no programa central da copa. 2011. 92 f. Tese (Doutorado) -

Curso de Administração de Empresas, Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=19289@1>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SORANZO, Fernanda Peron. **Copa do Mundo na Imprensa**: um estudo comparativo sobre a cobertura do mundial feminino no jornal zero hora. 2022. 90 f. Dissertação (Graduação) - Curso de Jornalismo, Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SUPERSTICAO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. [S.l]: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/supersticao/>. Acesso em: 13 set. 2022.

TORCEDOR DO BOTAFOGO xinga Renata Silveira após queda do Botafogo, e resposta da narradora viraliza. **Istoé**, 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/torcedor-do-botafogo-xinga-renata-silveira-apos-queda-do-botafogo-e-resposta-da-narradora-viraliza/>. Acesso em: 08 nov. 2021.

VALENTE, Jonas. Pesquisa diz que 95% dos internautas navegam na web enquanto veem TV. **Agência Brasil**, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/pesquisa-diz-que-95-dos-internautas-navegam-na-web-enquanto-veem-tv>. Acesso em: 14 ago. 2022.

ZAGO, Gabriela. **Recirculação jornalística no Twitter**: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

APÊNDICE A – ANÁLISE DO CONJUNTO DE TWEET’S

Gênero	Texto	Constelação	Categoria
Masculino	Vou ter que ver no mudo, nada contra as mulheres, mas a voz é insuportável	Negação	Machismo Explícito
Feminino	Boa sorte Renatinha, não se importe com podridão dos comentários, isso só faz mal a eles.	Aceitação	Contemplação
Masculino	Boa sorte botafoguense,só falta ser o pet nos comentários kkkkkk	Negação	Machismo Implícito
Masculino	Obrigado por avisar. Nem passo perto de colocar na globo hoje.	Negação	Machismo Implícito
Masculino	Fraca.	Negação	Estigmatização
Masculino	Tortura não é entretenimento globo! Ponha um homem aí	Negação	Machismo Explícito
Masculino	Espero que não venha narrar jogo do galo, né machismo não viu , é pq acho fraca msm assim como vários narradores masculinos, exemplo Luiz Carlos Jr,	Negação	Machismo Explícito
Masculino	Me desculpe já vi vários jogos com nadadoras nem uma agradou	Negação	Machismo Explícito
Indeterminado	Muito ruim	Negação	Estigmatização
Masculino	É bom saber, eu vou assistir a partida pela Botafogo TV, não aguento ouvir ela narrar um jogo, muito ruim.	Negação	Estigmatização
Masculino	Pqp kkkkkk	Negação	Machismo Implícito
Masculino	A Renata narra muito bem, vai ser legal ver ela narrando em tv aberta!	Aceitação	Apreciação
Masculino	Locutora de rodeio!!!	Negação	Estigmatização
Masculino	Tira Paulo Nunes e Petkovic dessa merda aí, heim!!!	Dispersão	Referência a terceiros
Masculino	Hahahaha....colocaram ela no mesmo dia do jogo do Corinthians, acho que nem os botafoguenses vão assistir.	Dispersão	Fanatismo

Masculino	Especial pra quem não vai ver	Negação	Machismo Implícito
Masculino	Sucesso @renatasilveirag	Aceitação	Contemplação
Masculino	Mandou muito bem	Aceitação	Apreciação
Masculino	Parabéns @renatasilveirag, toda sorte do mundo pra vc e uma ótima transmissão	Aceitação	Comemoração
Indeterminado	Pena que é um jogo de futebol amador. Vc merece mais.	Aceitação	Contemplação
Masculino	Gostei de sua narração dó meu Botafogo. Mas um conselho, se fixe no jogo. Evite conversar ou citar outros momentos, para se precisa nos momentos decisivos e de Gol. Um narrador ficar conversando e perder um lance, é imperdoável. Vc foi muito bem. Amei	Aceitação	Apreciação
Indeterminado	Muito maravilhosa 😊😊	Aceitação	Contemplação
Masculino	Essa mulher só narra jogo do faísca	Negação	Estigmatização
Indeterminado	Fraquíssima	Negação	Estigmatização
Masculino	Pé quente. Vc vai narrar gol do primeiro título do novo Botafogo...	Aceitação	Superstição
Masculino	Gostei da narração dela.	Aceitação	Apreciação
Masculino	Putz!!!!. Que coisa chata...	Negação	Estigmatização
Masculino	Renata, que transmissão... como vc evoluiu. Que aprazível foi escutar sua transmissão, ontem... parabéns demais !!!!	Aceitação	Apreciação
Masculino	Profissional competente	Aceitação	Contemplação
Indeterminado	Sorte pra ela.	Aceitação	Contemplação
Masculino	Péssima narração! Esse papinho de que é pé quente, é pq não pode falar que ela narra mal. Se fosse aim, colocaria ela pra narrar todos ps jogos, e o time seria campeão, sem nem precisar treinar, nem nada. Cada maluco que aparece...	Negação	Machismo Implícito

Indeterminado	Narração boa. Mas O áudio do microfone dela tá estourando.	Aceitação	Apreciação
Masculino	A @tv Globo é uma emissora feita para mulheres, gays e lésbicas, homens heteros não tem vez na grade de programação dessa empresa MISSANDRICA.	Negação	Machismo Explícito
Masculino	Renata Silveira nada pessoal contra vc mas sua narração é chata pra caraiusss ..	Negação	Estigmatização
Indeterminado	narrar jogo de time nanico deve ser triste	Dispersão	Fanatismo
Masculino	Vc arrebentou na transmissão.	Aceitação	Apreciação
Indeterminado	Narração boa. Mas O áudio do microfone dela tá estourando na hora do goooool.	Aceitação	Apreciação
Masculino	Meu Deus !!! Cada dia mais a globo tá exalando o cheiro da falência 🤢	Negação	Machismo Implícito
Masculino	Não é machismo meu não, mais mulher narrar futebol não dá! Apresentar, comentar tudo bem, mais narrar não dá, eu particularmente não consigo assistir um jogo dessas mulheres narrando.	Negação	Machismo Explícito
Masculino	A única explicação é por ser mulher. Ela chegou na globo ano passado. É ok. Não acho péssima e nem ótima acho que faltou hierarquia. Tá cheio de narrador lá antigo que ainda não teve chance mas ela por ser mulher já ganhou chance. Mas se fizer isso vc é machista	Negação	Machismo Explícito
Masculino	Braba	Aceitação	Contemplação
Masculino	Você é linda!! Maravilhosa!! 🙏🙏Deus te abençoe muito!!!	Aceitação	Contemplação
Masculino	Pé quente! 🔥🔥🔥	Aceitação	Superstição
Masculino	Parabéns Renata, seus pais e familiares devem estar super orgulhosos por esse feito, desejo sucesso nessa nova fase,	Aceitação	Comemoração

	não te conheço mas fiquei feliz com a notícia. 😊👍		
Masculino	Vamo 🔥🔥🔥👀	Aceitação	Superstição
Feminino	Que maravilhosa notícia. Renata é muito craque	Aceitação	Comemoração
Masculino	@renatasilveirag AEEEEEEEEEEEEEEEE Parabéns! UHUUUUU!!!!	Aceitação	Comemoração
Masculino	A audiência da globo despenca	Negação	Machismo Implícito
Masculino	Boa sorte e não liga pra comentários maldosos , gente frustrada é assim mesmo , bola pra frente e boa sorte	Aceitação	Contemplação
Indeterminado	PODEM ACHAR CHATO,MAS VÃO TER QUE ACEITAR. ELA É SENSACIONAL!!!!	Aceitação	Apreciação
Masculino	Volume ZERO.....vou ouvir no rádio.....	Negação	Machismo Implícito
Masculino	Desculpa Ge, não correspondeu as expectativas, achei bem fraco. A transmissão tbm não ajudou - O áudio estava bem ruim, muita falha, chiados durante a participação de comentaristas e equipes de campo. (áudio da torcida foi totalmente atenuado.) - Precisam rever tudo isso aí.	Negação	Estigmatização
Feminino	Parabéns, @renatasilveirag , representa demais!!! 🙌🙌🙌	Aceitação	Comemoração
Masculino	Ruim de mais	Negação	Estigmatização
Masculino	Ainda bem que o jogo vai passar no SporTV tbm...	Negação	Machismo Implícito
Indeterminado	Boa sorte e sucessora caminhada @renatasilveirag !!	Aceitação	Contemplação
Masculino	Parabéns 😊🙌	Aceitação	Comemoração
Masculino	Quero que narre 2 gols , meu + 1.5 agradece	Dispersão	Outros

Masculino	Fraca.	Negação	Estigmatização
Masculino	a melhor, parabéns!	Aceitação	Comemoração
Masculino	Olha o chuti	Negação	Estigmatização
Masculino	É bom saber, eu vou assistir a partida pela Botafogo TV, não aguento ouvir ela narrar um jogo, muito ruim.	Negação	Estigmatização
Masculino	Inimiga da emoção	Negação	Estigmatização
Masculino	Torcida do Botafogo fica doente rs...	Negação	Aferição
Masculino	Boa tarde , pra qual time vc é torcedora Renata	Dispersão	Outros
Masculino	Contrata aquelas mina com voz de lolli pra narrar ou comentar ksksksk duvido a audiência não subir la pra pqp	Dispersão	Outros
Masculino	Deus te abençoe	Aceitação	Contemplação
Masculino	Você é excelente 🍷🍷🍷	Aceitação	Apreciação
Masculino	(Sou Botafogo, Sou Raça Negra)	Dispersão	fanatismo
Masculino	(Raça Negra)	Dispersão	Fanatismo
Masculino	Linda	Aceitação	Contemplação
Masculino	Cara, eu gostei bastante... é a segunda vez q assisto jogo com ela e tem me agradado. A voz não é estridente nem chata. Espero q continue e fique menos nervosa. Deu pra perceber q ela estava tensa as vezes.	Aceitação	Apreciação